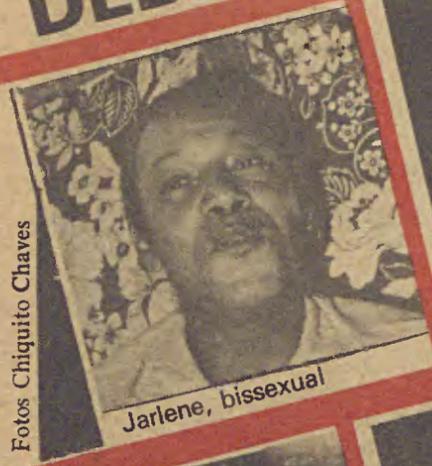


REPORTER

Fevereiro de 1981 — ano IV — nº 38 — Cr\$ 40,00

DEBATE NA ZONA

Fotos Chiquito Chaves



Jarlene, bissexual



Cláudia, travesti



Sorriso, lésbica



Rose, prostituta



Euzimar, prostituta

P.8

O AMOR NÃO EXISTE

GOZO SÓ POR DINHEIRO

Fala o coronel Palacios, depois da cadeia

ROUBO NO DETRAN CRESCER EM JANEIRO

S. Paulo

P.10

COMUNISTAS CONDENAM MACONHA

P.5



Nosso pré-carnavalesco

P.22

EXCLUSIVO

O plano de Chagas pra eleger Miro

P.20

Foto Custódio Coimbra

ASSALTADO O PRESIDENTE!

A imprensa tentou esconder, mas REPORTER descobriu: o bando do Mussula, ladrão da Janete Clair, entrou nas estrebarias do Palácio e roubou até nosso presidente.



Interventor na Funabem é morto

No dia 19 de janeiro, o advogado Cláudio Magalhães, 39 anos, da Fundação Nacional do Bem-Estar do Menor (Funabem), foi baleado na porta de sua casa, na Barra da Tijuca, Rio. Cinco dias depois ele morreu na Clínica São Bernardo, que estava sob proteção de policiais. Cláudio presidia a comissão de sindicância instalada para apurar denúncias de torturas a internos, algumas delas publicadas na última edição do REPORTER. A polícia estranhou que os supostos assaltantes tivessem levado apenas o revólver, deixando dinheiro e relógio da vítima. Há suspeita de que se trate de atentado para impedir o prosseguimento das investigações que Cláudio dirigia.

Governo protege ladrão da Tieppo

Ao transferir para a guarda da Polícia Federal — ia para o Banco Central — os documentos da contabilidade clandestina da corretora Tieppo, que fazia aplicações ilegais em dólares no exterior para altas personalidades, inclusive um ministro de Estado, o governo decidiu: não serão revelados os nomes desses investidores, que burlaram as leis do país especulando com dólares no mercado-negro.

Se os ladrões fossem de raia miúda, sairiam com fotos e currículos nos jor-

nais; como são empresários poderosos, homens de governo e milionários, tudo é encoberto e nenhum dos criminosos irá para a cadeia. Ao mesmo tempo, dois jornalistas do semanário Hora do Povo, que publicou relação de figurões que mantinham contas secretas em bancos estrangeiros, foram condenados a mais de um ano de prisão pela Justiça Militar, sendo o jornal suspenso por 4 semanas. Viva a democracia à brasileira!

Doi-Codi ataca artistas também

Na madrugada do dia 23 de janeiro, em frente do número 200 da rua da Lapa, agentes do Doi-Codi, órgão de repressão política reunindo policiais e militares, atacou um grupo de artistas plásticos que transportava um mural por eles considerado subversivo. O trabalho, um enorme quadro de 2 metros quadrados, tinha no centro a palavra fome e textos e fotos referentes ao trabalho cozinhar-te, premiado no III Salão Nacional de Artes Plásticas e, por isso, deveria participar de uma exposição itinerante que mostraria as obras mais importantes. A Fundação Nacional de Artes (Funarte), entretanto, recusou o mural, alegando que ele não cabia no avião. Os artistas, então, decidiram que ele permaneceria na Cinelândia, onde se realizava uma feira de poesia. Acabado o encontro, eles levavam o mural para guardá-lo no bairro da Glória, quando foram abalroados por uma camioneta veraneio cinza com dois

homens, que se disseram do Doi-Codi, atacaram os artistas, rasgaram o trabalho, tachando-o de comunista, e levaram os pedaços.

Casa do Arquiteto faz 60 anos

O Instituto dos Arquitetos do Brasil (IAB) está completando 60 anos de fundação. Trata-se de uma das entidades que mais se tem destacado na defesa do meio-ambiente e da participação da comunidade nas decisões sobre planejamento urbano. O IAB programou um ciclo de debates sobre o mercado de trabalho em Arquitetura e a valorização profissional dos arquitetos. Foram expositores Oscar Niemeyer e Villanova Artigas. Também se discutiu o papel das entidades de classe no processo de redemocratização do país, num painel que reuniu os presidentes da OAB, Seabra Fagundes, da ABI, Barbosa Lima Sobrinho, e do próprio IAB, Fernando Burmeister. As comemorações foram encerradas com um baile-show na Esplanada dos Arcos, no Rio, no dia 30 de janeiro.



ERRO DA REDAÇÃO: Márcia (foto) saiu na edição passada como pivô de uma paquera lésbica, por engano nosso. Ela tinha sido entrevistada na matéria, mas falando de outras coisas; e, como nas entrevistas de lesbianismo apareceu outra Márcia, aconteceu a confusão desagradável. Perdão, Márcia.

REPORTER

EDITORES — Alex Soainik, Luiz Alberto Bettencourt, Pipsi (Arte)
CHEFIA DE REPORTAGEM — Ricardo Bueno
REPORTAGEM — Rio de Janeiro: Tim Lopes. São Paulo: Rivaldo Chinem, Sílvio de Souza, Hélio Belk, Teresa Moreira. Recife: Eduardo Homem, Beth Salgueiro. Salvador: Mariluce Moura
FOTOGRAFIA — Rio de Janeiro: Chiquito Chaves, Rogério Carneiro. São Paulo: Wagner Avancini, Eliana Pastore, Valdenir Benedetti. Recife: Valdir Afonso, Xirumba
ARTE — Analuze Estrela, Guidacci
CIRCULAÇÃO — Simeão Marques
PUBLICIDADE — Keline Keller (Rio), Isaias Justo Reis (São Paulo)
DEPARTAMENTO JURÍDICO — Luís Celso Araújo
REPORTER Autônomo Independente é uma publicação da MARGEM S.A. EDITORA E GRÁFICA. Rio de Janeiro: rua Miguel Couto 134/111, tel.: 253-5038, 253-5077. São Paulo: rua do Seminário 155/sala 30, tel.: 227-7175. Recife: Av. Conde da Boa Vista 121/Grupo 707, tel.: 222-1224
Composição: Editora Mory, rua do Resende 65 e Inúbia Editorial e Industrial S.A., rua André Cavalcanti 86 — RJ.
Impressão: Cavaliere Publicações Editora Gráfica Ltda. Tel.: 231-2912 (Jornal Hoje) — RJ

ELE FOI ASSASSINADO E ENTERRADO COMO INDIGENTE



Cemitério de indigente é assim: a cruz da cova de Eliezer, de nº 13, estava encoberta pelo mato



O desespero de Elza quando descobriu o túmulo

LEVOU 9 MESES PRA ENCONTRAR O CADÁVER DO FILHO

Advogado acusa policiais do posto de Austin, na Baixada Fluminense

“Um homem de cor parda, presumíveis 30 anos, encontrado morto por estrangulamento na altura do nº 49.800 da avenida Brasil, em Campo Grande.” Esse é o registro no livro de indigentes do Instituto Afrânio Peixoto. O corpo deu entrada com a guia 151, da 35ª Delegacia Policial, em 16 de maio do ano passado.

Quatro dias antes, Eliezer Pereira de Souza, de 23 anos, tinha ido prestar queixa no posto policial de Austin, na Baixada Fluminense. Nunca mais sua mãe o viu. E, no dia 5 de junho, cerca de 3 semanas depois, ele foi enterrado como indigente, apesar de registrado no Instituto Félix Pacheco, órgão responsável pela emissão de carteiras de identidade.

Para achá-lo, dona Elza Pereira de Souza, uma baiana de 55 anos, peregrinou nove meses por delegacias, postos policiais, hospitais, necrotérios. Finalmente encontrou seu filho, no dia 23 de janeiro de 81, enterrado numa modesta cova, cercada de mato, no cemitério dos indigentes em Santa Cruz, na Zona Rural do Rio de Janeiro. Seu desespero comoveu até os coveiros, acostumados a testemunhar a dor alheia:

— Nunca pensei que meu filho acabasse caluniado. Maldade que fizeram com ele. Não

agüento tanto sofrimento, meu Deus, me ajude. Como é que meu filho foi parar aqui nesse cemitério, separado do campo sagrado?

O campo sagrado é um cemitério ao lado. O de indigentes é um vasto matagal, em que as cruzeiras das sepulturas mal aparecem. Para achar a sepultura de Eliezer (a de número 13 da quadra A) foi preciso que os coveiros utilizassem pás e enxadas. Outra prova de abandono a que está relegado o cemitério é um caixão quebrado, cheio de ossos, deixado ao relento.

O sofrimento de dona Elza, que ao achar a sepultura do filho se ajoelhou e rezou um padre-nosso em meio a um pranto incontido, começou no dia 12 de maio do ano passado. Seu filho, que fora internado várias vezes em hospitais psiquiátricos desde que caíra de um trem, foi ao posto policial de Austin prestar queixa sobre uma briga de vizinhos envolvendo crianças:

— Os policiais disseram que ele tinha que prestar queixa às 10 da noite. Falei pra ele não ir, mas depois que ele caiu do trem ficou meio bobo, inocente. Ele foi e não apareceu mais. No dia seguinte fui perguntar por ele. Os policiais me trataram com deboche. Até agora

não sei por que fizeram isso com meu filho. Ele tinha todos os documentos e, quando ficava atacado, era passivo, não saía de perto de mim, tinha que dar remédio a toda hora e comida na boca.

Dona Elza chora. De 15 em 15 dias ela ia ao necrotério de Nova Iguaçu para examinar os corpos recolhidos diariamente na Baixada Fluminense.

— Olhava gaveta por gaveta,

procurando meu filho. Nunca enjoei.

Ela esteve no Instituto Afrânio Peixoto três vezes. Finalmente, examinando os livros de registro da época em que seu filho tinha sumido, descobriu uma pista. Foi então ao Félix Pacheco com a carteira de trabalho do filho. Comparadas as impressões datiloscópicas, ficou constatado que o corpo que dera entrada com a

IML agora enterra em 24 horas

“A ordem do diretor é enterrar todo mundo, identificado ou não, até sem autópsia. Os médicos depois que se virem para conseguir um laudo. As geladeiras têm que ser esvaziadas. Não tem mais essa de esperar oito dias pra ver se aparece alguém reclamando o corpo.” Quem diz isso é um funcionário do Instituto Afrânio Peixoto, antigo Instituto Médico Legal (IML), hoje em péssimas condições: devido a omissão do governo Chagas Freitas. Lá dentro o cheiro é insuportável e os funcionários, quando podem, saem para dar uma voltinha e respirar um ar menos fétido. Os moradores das vizinhanças, quase 10 mil pessoas, evitam fazer refeições em casa para fugir do mau cheiro. No Instituto, as geladeiras não funcionam, os elevadores estão pifados e os corpos se amontoam por 10, 15 dias. O Instituto Félix Pacheco demora para tirar as impressões datiloscópicas, e isso atrasa o sepultamento. Os corpos, em geral,

são de pessoas que vieram do interior tentar a vida no Rio e que morrem sem que a família saiba disso. Outros estão ali porque a família não tem dinheiro para pagar um caixão. E em certos casos os corpos têm marcas de facadas e ferimentos a bala, e as famílias não tomam providência alguma em relação ao enterro para não se envolverem com a polícia. Esses casos não são raros, pois todo fim-de-semana chegam ao Instituto uns 10 a 15 corpos feridos. A solução do diretor do Instituto — enterrar todo mundo em 24 horas — é condenada pelo advogado Luís da Rocha Brás: “Tal procedimento implicaria graves dificuldades de natureza processual para qualificação e tipificação do crime. Dependendo das circunstâncias, um cadáver teria que ser exumado, por interesse da Justiça, o que é caro. E o pior é que o cadáver exumado geralmente está em condições que impossibilitam a verificação da causa da morte”.

guia 151, da 35ª DP, era o de Eliezer.

Tentando se conformar, com a voz embargada, dona Elza diz:

— Nunca se sabe o que vai acontecer com o filho da gente. De repente, o filho que a gente criou com tanto carinho, deu nome, educação, é assassinado e enterrado como desconhecido.

O inquérito nº 297/80 da 35ª DP, sobre a morte de Eliezer, foi enviado para a Delegacia de Homicídios no dia 25 de setembro. O advogado Luís da Rocha Brás, o mesmo do caso Marly (empregada que enfrentou o batalhão da PM em Nova Iguaçu para descobrir os assassinos de seu irmão), disse ao REPORTER que vai cuidar do caso de dona Elza:

— Mandarei um ofício ao secretário de Segurança Pública e ao comandante-geral da Polícia Militar historiando o fato, juntando xerox da documentação que obtivemos, para que seja determinada rigorosa apuração que venha a apontar os responsáveis pelo seqüestro e morte de Eliezer. Até prova em contrário, os acusados são os policiais do posto de Austin, distrito de Queimados.

Fotos Chiquito Chaves
Reportagem de Tim Lopes

Carta revela verdade sobre causas da revolta

CHANTAGEM E MASSACRE NA CADEIA

Na Penitenciária de São Paulo presos são espancados, taxados de loucos, e guardas forjam flagrante de maconha. Para sair no Natal eles têm de pagar um "pedágio" que varia de 20 mil a 50 mil cruzeiros.

Um jogo de futebol interrompido por causa da chuva. Incitação à rebelião, tendo como líder a atriz e empresária Ruth Escobar, que com outros atores criou um grupo teatral na prisão. Essas as versões oficiais para explicar a rebelião do último Natal na Penitenciária de São Paulo, em que 81 detentos ficaram feridos, segundo Olímpio de Almeida, ex-presos político e hoje agente da Pastoral da Igreja. "E o espancamento só não foi mais violento, devido à interferência de Dom Paulo Evaristo Arns", diz ele.

Mas as versões oficiais, apresentadas pelo diretor da Penitenciária, Bruno Vizzoto, são inteiramente falsas. Os presos se rebelaram porque foram roubados, achacados. Para se beneficiarem da licença de Natal eles têm de pagar um "pedágio" de Cr\$ 20 mil a Cr\$ 50 mil, pois só assim conseguem que a papelada necessária para sair seja liberada. O esquema também funciona na Casa de Detenção. O dinheiro é recolhido por presos que trabalham no Setor Judiciário, mas depois certamente

vai parar em outras mãos. Neste último Natal apenas 41 conseguiram sair na Penitenciária. Alguns dos que ficaram se rebelaram.

A versão do diretor da Penitenciária, Bruno Vizzoto, que chegou a afirmar que foram presos do próprio grupo teatral que incriminaram Ruth Escobar, desmoronou no dia 27 de dezembro. Um dos presos escreveu uma carta à atriz contando como foi ameaçado e obrigado a acusá-la. Três homens da guarda do prédio disseram que, se não agisse assim, seria obrigado a tomar injeções até ficar louco. Diz o preso, na carta:

— "Se nós te levar pro hospital dizendo que você enlouqueceu, eles vão te encher os canos de sossega leão (injeção de calmante) e você não vai mais voltar à razão".

A ameaça foi feita por Amauri, um dos homens do "choque interno", a guarda do presídio, enquanto Sofia (também do "choque") olhava e Lázaro ficava do lado de fora vigiando.

Os torturadores: Luís, Osvaldo, Mário, Manuel

"Aqui está parecendo um campo de concentração, tal a violência que impera por parte dos funcionários; a PM entrou aqui e todos tiveram que ficar nus e se deitar no chão do lado de fora das celas, com as mãos na nuca e o rosto no chão." A denúncia faz parte da carta que um preso enviou no dia 27 de dezembro à atriz e empresária Ruth Escobar.

Violências como essa fazem parte do dia-a-dia dos que estão presos na Penitenciária de São Paulo. É a lei extra-oficial, a que é aplicada na prática. O regulamento escrito, com os direitos e deveres do preso, não é aplicado. Os detentos não têm acesso a ele. A imprensa também não. Um dos motivos é que do regulamento constam também os deveres dos guardas. E isso não interessa divulgar.

Em vez da leitura do regulamento, o preso que chega à Penitenciária é recebido pelo diretor, Bruno Vizzoto, com o seguinte recado:

— Aqui dentro você não vai encontrar só santinho, porque não tem santinho aqui. Você vai encontrar tóxico aqui dentro. Mas está na cabeça de você seguir isso ou não.

Essa foi a experiência de um ex-presos que, além da Penitenciária, passou pela Casa de Detenção, pela Colônia Agrícola e esteve em outras cadeias. D.A.M.V., de 32 anos, diz que os homens da guarda da prisão (o "choque interno") andam armados com barras de ferro de meio metro de comprimento e dão cacete por qualquer motivo: deixar roupa secando na janela; discussão no campo de futebol; suspeita de uso de maconha; reclamações contra a má qualidade ou o gosto da comida. Diz ele:

— Vi um companheiro que foi agarrado pelo "choque" só porque estava fazendo trabalhos manuais escondido, em sua cela.

Além do "choque interno" (uma equipe de 12 homens) a Penitenciária de São Paulo conta com o serviço de repressão, guardas (12 por pavilhão) e enfermeiros. Eles circulam pelos corredores tentando descobrir um sintoma qualquer de "loucura" nos presos.

— Basta um preso acompanhar uma música no rádio de pilha para ser tachado de louco — revela L.A.M.V. — O "louco" é, então, colocado numa cela, forte, uma cela igual às outras, mas sem janelas.



Olímpio, ex-presos, faz a denúncia



Ruth Escobar recebe um presente dos presos

gas; Luís Carlos Rocha, que também está enlouquecendo aos poucos.

O preso foi levado pelos homens do "choque" à sala do diretor da Divisão Penal, Acrísio Soares:

— Aí foi feito o depoimento. Quase tudo foi ditado pelo dr. Acrísio, como se ele já soubesse o que eu tinha que falar.

Antes de ser levado para a sala do diretor, o preso soube de Sofia por que queriam botar Ruth Escobar no fogo:

— Nós estamos segurando o maior rabo de foguete por termos batido nuns caras e a coroa está botando a boca no mundo. Podemos até ser exonerados.



Vizzoto, o diretor da Penitenciária: aqui tem tóxico

Os guardas controlam a disciplina de maneira brutal. Não permitem que o preso ande com a camisa fora da calça. Ou que pare na galeria para conversar com outro preso. Quando querem, colocam maconha numa cela para forjar um flagrante. Além disso, distribuem punições por conta própria. Colocam, por exemplo, o preso no amarelo — o que significa deixá-lo na cela às vezes por um mês, sem direito a banho de sol ou visitas.

Os homens mais violentos da Penitenciária de São Paulo são bem conhecidos. Sua impunidade é acobertada pela direção do presídio e demais autoridades encarregadas

do sistema penitenciário. Segundo o ex-presos Olímpio de Almeida, fazem parte dessa lista "verdadeiros bandidos", tais como Luís Antônio de Paula, chefe de Disciplina do Pavilhão 5 (já processado por maus tratos e corrupção); Osvaldo Faraão, carcereiro do Pavilhão 5, conhecido torturador; Mário Domingos, torturador que age na lavanderia do Pavilhão 6, e Manuel de Freitas, também torturador e homem de confiança do diretor Bruno Vizzoto. A "especialidade" de Manuel é bater nos presos com corrente de ferro.

Reportagem de Rivaldo Chinem

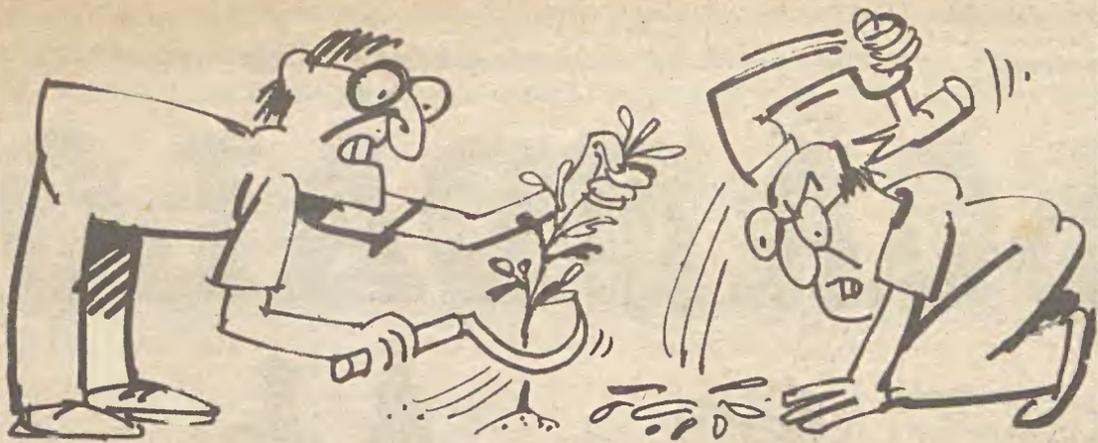
SNI impõe a Chagas sucessor de Murgel

A briga entre o PDS (partido do governo federal) e o PP (partido do governo estadual) acaba de fazer mais uma vítima no Rio de Janeiro: o general Edmundo Murgel. A carta com o pedido de demissão que ele entregou no dia 28 de janeiro ao governador Chagas Freitas foi apenas um ato protocolar. Ele foi demitido da Secretaria de Segurança na semana anterior, quando o chefe do Serviço Nacional de Informações (SNI), general Octávio Aguiar de Medeiros, veio ao Rio decidir os termos da exoneração e o nome do substituto. Chagas queria há quase um ano demitir Murgel, mas Medeiros impôs como condição que ele, Medeiros, nomeasse o novo secretário. E nomeou o general Waldyr Alves da Costa Muniz — como REPORTER havia antecipado na sua edição de dezembro.

Na verdade, o general Murgel — nomeado para o cargo após um acordo entre o ministro do Exército, general Walter Pires, e o chefe do SNI — caiu praticamente sozinho. Foram muitos os escândalos que envolveram a Secretaria de Segurança em seus 20 meses de gestão. Entre eles, o caso dos motéis de alta rotatividade, em que delegados do alto escalão ofereceram proteção policial aos donos daqueles estabelecimentos em troca de um pagamento mensal, algo em torno de Cr\$ 100 mil cada um. Outro caso rumoroso foi a brutal repressão ao ato público contra a demolição do prédio da UNE, em que populares, estudantes e deputados foram espancados pela Polícia Militar, obedecendo ordens expressas de Murgel. Na época, o líder do governo federal no Senado, Jarbas Passarinho, condenou veementemente o episódio.

A saída de Murgel, desde então, era dada como certa. E consumou-se com dois fatos: a incompetência para conter a violência na cidade e o envolvimento da polícia em denúncias de corrupção ou de complacência com o jogo-do-bicho. Denúncias que, embora antigas, foram feitas pelo deputado Péricles Gonçalves, do PP — evidentemente com a aprovação de Chagas Freitas, que estava atrás de um pretexto para exigir de Brasília a exoneração de Murgel, mesmo tendo que aceitar a nomeação de outro general do Exército para o cargo.

Murgel foi tão inábil que conseguiu se incompatibilizar com as bancadas chagulistas na Assembleia Legislativa e na Câmara Federal, a ponto de o deputado Miro Teixeira — homem forte do governo do Estado — romper relações com ele. Enfim, foi demitido com o aplauso geral. O único que salu em sua defesa foi o comandante da PM, coronel Aníbal Henriques, que acusou a imprensa de ter sido responsável pelo seu afastamento. A reação de Henriques é fácil de ser explicada: graças a Murgel, que o indicou para o cargo, ele ficou quase dois anos sem pagar aluguel, andando de carro oficial e gozando de mordomias, enquanto nos quartéis os soldados trabalhavam quase 12 horas por dia, recebendo pouco mais de Cr\$ 16 mil.



PCBR, PC do B, OSI

Grupos de esquerda contra maconha

“Convergência” a favor, MR-8 e PCB sem posição

“A esquerda falar sobre maconha? Parece até piada... Não tem sentido, é secundário, ninguém discutiu. A fome, o desemprego, a repressão e a ditadura dão mais pano pra manga. Não sei o que vocês estão querendo provar com uma matéria dessas. Não vou falar, desligue esse gravador.”

Ninguém quer provar nada. E que a discussão sobre a descriminalização da maconha está na rua. Até um juiz de Direito já propôs... “Já sei, já sei, é o Álvaro Mayrink. Você precisam saber que ele é professor de Direito Penal Militar e não é uma cara progressista. É muita falta de assunto, um juiz libera um viciado em maconha e a imprensa cai em cima. Por que vocês não vão entrevistar a direita, a burguesia e esses figurões do governo que ficam cheirando cocaína nos bares e boates? De política a gente conversa, mas de maconha, negativo.” O rápido e tortuoso diálogo acima, mantido com um ex-militante do Partido Comunista Brasileiro Revolucionário (PCBR), expressa a posição de boa parte dos comunistas brasileiros, que consideram a maconha uma “arma da burguesia e do imperialismo para desmobilizar as massas e os revolucionários e, assim, manter a exploração econômica e seu domínio político”. É verdade que nem todos os comunistas são tão radicais. Há mesmo os que não se negam a afirmar que fumam um baseado de vez em quando. Dois militantes do Movimento pela Emancipação do Proletariado (MEP), por exemplo, afirmam que sua organização não tem qualquer posição oficial sobre o assunto, e depois confessam que “um fuminho de vez em quando não faz mal a ninguém”. Quer dizer, também na questão da maconha há comunistas e comunistas. REPORTER entrevistou militantes das principais organizações existentes hoje no Brasil: Partido Comunista Brasileiro (PCB), Partido Comunista do Brasil (PC do B), Movimento Revolucionário 8 de Outubro (MR-8), Convergência Socialista, Organização Socialista Internacionalista (OSI), PCBR e MEP. De todos, só a OSI tinha um documento interno para discussão entre seus membros expressando a

posição oficial da organização: virulentamente contra. A posição da OSI, uma organização trotskista de âmbito internacional, é toda baseada na verificação da degradação moral da sociedade capitalista e da degeneração individual provocada pela decadência dos costumes. A OSI culpa também os social-democratas e os stalinistas, seus arquiinimigos dentro da esquerda, pelo que ela chama de moda de contestação da moral burguesa. E o hábito de fumar maconha, cada vez mais presente entre a juventude do mundo ocidental, seria um desses modismos contestatários. Diz ainda que a distribuição da maconha no Brasil é controlada pela polícia, o que provaria o interesse das classes dominantes na sua difusão. Recomenda, por fim, que seus militantes tenham uma atitude política, e não moralista, em relação a quem fuma maconha. Esse tipo de teoria sobre a **canabis sativa** traz problemas até mesmo para militantes da própria OSI que gostam de um fuminho. Um deles se confessa extremamente culpado toda vez que dá um **tapa**: “Tenho que esconder dos meus companheiros e, embora discorde da posição da organização, se quiser permanecer dentro dela vou acabar parando de fumar porque tenho que respeitar o centralismo democrático”. Já a Convergência Socialista, primária da OSI, porque também é trotskista, tem a postura mais liberal sobre a maconha. Um dirigente afirmou que fuma, que não vê nada demais, e acha mesmo que sua organização deveria entrar na briga pela descriminalização. Essa posição talvez venha do fato de ser a Convergência a organização comunista mais preocupada com as questões de comportamento dos diversos setores sociais. Eles têm um grupo de homossexuais com grande atuação em São Paulo e discutem frequentemente a questão feminista. Essa preocupação não é comum na esquerda brasileira. O MR-8, por exemplo, não tem posição definida a respeito da maconha. Um importante membro da organização observa que, “como as massas são muito preconceituosas, os militantes devem procurar não ter comportamentos que

prejudiquem seu trabalho político”. Não considera necessário haver uma política da esquerda sobre a descriminalização, embora afirme condenar a repressão sobre os que fumam. Acha também que, com o ascenso do movimento de massas, essas questões vão perder substância, pois “primeiro vêm as modificações estruturais na economia e na política”. Para ele, um estado socialista não terá necessidade de reprimir a maconha porque seu consumo não prejudicará a nova ordem. Outro membro do MR-8, entretanto, acha a maconha um “instrumento do imperialismo”. Para um militante do PC do B, a questão se resume no seguinte: “Você acha que um partido que desenvolveu a primeira e única guerra de guerrilhas no Brasil com o apoio do povo (Araguaia) vai se preocupar com maconha?” Para ele o fumo “é um desvio ideológico e está minando a personalidade da juventude brasileira. Chegou à classe média urbana durante a sangrenta ditadura do general Médici, junto com o milagre econômico do corrupto Delfim Netto, quando centenas de jovens morriam sob as torturas dos órgãos de repressão”. O PCB hoje está rachado em pelo menos duas tendências: seu Comitê Central é eurocomunista, inspira-se no PC italiano, e Luís Carlos Prestes chefia o outro grupo, ligado ao PC soviético. A questão da maconha não divide euros de prestistas porque não há posição sobre o assunto. Os euros dizem estar avançando nas discussões sobre as questões de comportamento, das quais a mais importante para eles é o feminismo. Grupos na Bahia têm discutido o homossexualismo. Os prestistas parecem, como de resto, mais ortodoxos e avessos a esses problemas — maconha, inclusive — havendo mesmo o caso de um simpatizante impedido de entrar na organização por sua condição de bissexual e por gostar de maconha. Gregório Bezerra, líder prestista, em conferência no DCE, no Recife, ano passado, declarou-se frontalmente contra o homossexualismo e o uso da maconha.

Reportagem de Eduardo Homem e Ronaldo Lapa

SÃO PAULO
NÃO PODE
PIRAR

Filho de Maluf não paga pedágio

Humilhante: o filho do governador Paulo Maluf, Paulinho Maluf Júnior, meteu-se num bate-boca de beira de estrada com um encarregado do pedágio da via Imigrantes. O primogênito batia pé e se recusava a desembolsar os Cr\$ 50, pois era filho de quem era. O paciente funcionário explicou que só carro com chapa oficial não pagava, mas Maluf Jr. irritou-se, entrou no seu veículo e retirou-se. Pouco depois o pai deu ordens ao funcionário pra deixar o filho passar sem pagar. E o filho não pagou. Além disso, dias depois, o funcionário foi demitido. O filho do governador frequenta muito a via Imigrantes: está de namoro com a filha do prefeito do Guarujá, aquele que tem o maior salário de prefeito do país — Cr\$ 370 mil por mês. O namoro está um tanto conturbado. Eles tinham brigado e voltavam às boas em dezembro, mês em que se deu o entrevero no pedágio acima narrado.

Delegado entrega policial por amor

Foi um delegado do Dops, Olavo Reno, quem identificou o advogado Mário Fontes como autor dos tiros na sede do Comitê Brasileiro pela Anistia (CBA)—São Paulo, em julho passado. O delegado soube, inclusive, que Fontes vendeu, no dia seguinte ao atentado, a arma do crime, uma 9mm. Um forte motivo levou o delegado a contar esses fatos: o caso de amor que tem com a filha de um médico da Comissão de Direitos Humanos da Igreja, que não engole a idéia de ter um genro policial. Este — talvez pra amolecer o coração do futuro sogro — mostrou serviço, entregando um terrorista.

Tieppo leva grana até de corrupto

Mário Nicolli, cunhado de Delfim Netto, foi um dos milionários que perdeu muito dinheiro na **Operação Samanta**, esquema armado pela Corretora Tieppo para brasileiros investirem dólares no mercado financeiro dos Estados Unidos. Uma operação clandestina e criminosa. Este Nicolli é o mesmo que, associado à Petracco, produz placas de automóveis para o Detran paulista. Produz para o Detran é modo de dizer: na verdade, todo ano

o Detran abre concorrência para escolher o fornecedor de placas. E todo ano a Petracco-Nicolli ganha. Chegou a vez de Nicolli perder alguma coisa.

Brasília libera pornografia pura

Um médio editor paulista prepara-se para jogar no mercado seis novos títulos de revistas eróticas. Ele dispõe de informações seguras de Brasília de que o governo pretende ser liberal com essas publicações: “Eles só não querem sacanagem misturada com pobreza, nem nus na capa” — explicou o editor.

O fim da censura dos telefones

Um engenheiro romeno estabelecido em São Paulo pôs à venda uma pequena caixa blindada que serve para bloquear a censura telefônica: a máquina não deixa o telefone ser censurado. O engenheiro, George Sallinas, recusa-se a explicar como o aparelho funciona, temendo copiadores. Dois anos atrás, quando ele lançou um aparelho de escuta telefônica, viu seu invento roubado por um empregado, que abriu uma firma própria concorrendo com o ex-patrão. Sallinas garante a eficiência do novo aparelho, que custa Cr\$ 28 mil.

Governador ameaçado de morte

Há poucos meses, um paciente internado no Sanatório Charcot fugiu e foi agarrado dentro do Palácio dos Bandeirantes, depois de declarar que ia assassinar o governador por estrangulamento. No Charcot, ele era visto fazendo discursos políticos para os outros pacientes. Mas tudo terminou bem: agarrado, voltou ao Charcot, ficou mais um tempo e já está nas ruas. As ameaças de deficientes mentais ao governador não cessaram, porém: em janeiro apareceu na redação paulista do REPORTER um rapaz dizendo que um grupo de maçons do interior de São Paulo estava planejando matar Maluf e o haviam encarregado da tarefa. Como ele não estava a fim, denunciava o grupo. Só que ele não soube explicar o plano, parecendo mais uma fantasia semelhante à do paciente do Charcot.

Estupro impede matrícula na PUC

No ano passado, um estudante de Jornalismo da PUC de São Paulo publicou matéria neste jornal contando vários casos de estupro acontecidos na faculdade. Em janeiro, ao tentar se matricular no 3º ano, encontrou um obstáculo: não podia fazer matrícula antes de prestar depoimento, confirmando a autoria da reportagem. Um curso de Jornalismo de tão conceituada universidade deveria dar aos alunos lições de liberdade de imprensa e não de cerceamento e inquisição.

A comprovação
do entreguismo

O ESCÂNDALO

Pesquisa e texto de Marcos Dantas

A

ALUMÍNIO — metal que serve para fazer da chaleira ao avião. No Brasil, 2/3 da produção são de empresas estrangeiras; a Alcan (canadense) e a Alcoa (americana). O resto é do grupo nacional Votorantim. Um grande plano para expandir a produção brasileira de alumínio está em curso. Só que todos os projetos são de grupos estrangeiros: a Albrás, onde o governo brasileiro (isto é, o povo) entra com o dinheiro e os japoneses da Nalco ficam com o alumínio; a Alcoa, que vai poluir e destruir a belíssima cidade de São Luís do Maranhão; a VAW (alemã), que vai ajudar a poluir o Suape, em Pernambuco; a Shell (holandesa), que ainda está escolhendo o lugar para sua fábrica. São todos projetos que investirão milhões de dólares e darão pouco emprego. Mas, como sempre acontece nesses casos, criarão favelas de milhares de marginais, prostitutas e subempregados. A maior parte do alumínio a ser produzido por essas multinacionais é para exportação, daí que o Brasil chegará ao final da década como um dos maiores produtores de alumínio do mundo, mas precisando importar alumínio para assegurar seu próprio consumo interno: ou seja, o alumínio brasileiro irá até os Estados Unidos e depois voltará com seus preços devidamente majorados.

O interesse das multinacionais em colocar esses projetos no Brasil, mais particularmente no Norte, é que na Amazônia tem bauxita (ver abaixo) e energia elétrica. Para fazer alumínio é fundamental a energia elétrica barata. Pois o governo brasileiro ainda concedeu subsídios às multinacionais, que pagarão pela energia menos do que ela custa. Ao contrário dos árabes, que cobram de todo o mundo pela energia deles (o petróleo) o que ela custa, o Brasil vai dar a americanos, japoneses e alemães energia quase de graça. Quem paga? Ora, o povo!

B

BAUXITA — minério argiloso de onde se extrai o alumínio. O Brasil tem a terceira maior reserva de bauxita do mundo. Quer dizer, tinha. A maior parte da bauxita brasileira foi entregue à exploração de grupos estrangeiros. A Alcan, a Alcoa e Ludwig repartiram as jazidas das margens do rio Trombetas. O grupo inglês Rio Tinto Zinc ficou com as jazidas de Paragominas. A americana Reynolds e

Ludwig têm reservas ao longo do rio Amazonas. Mais uma vez o governo ajuda (isto é, o povo), entrando com o dinheiro, enquanto as multinacionais ficam com a bauxita, pela qual pagam preço de banana e levam para processar no exterior. Tem coisa pior ainda: a Vale do Rio Doce, empresa estatal, tem uma grande reserva de bauxita no Pará. Mas, devido a um acordo internacional, só pode explorá-la se a Rio Tinto Zinc permitir.

C

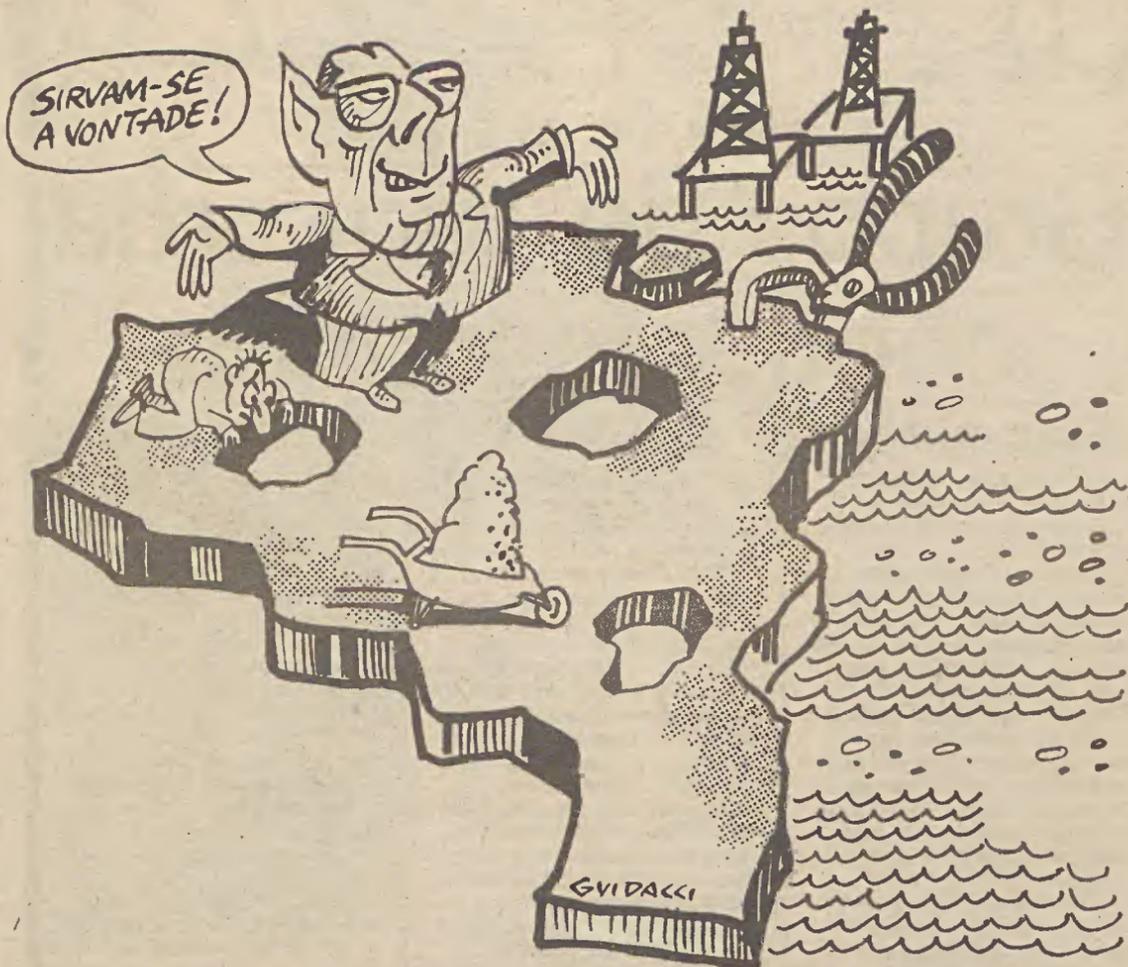
CASSITERITA — É o minério do estanho (ver abaixo). Extraído do solo através do garimpo, ainda é majoritariamente produzido por brasileiros. Mas o governo tem feito tudo para tirar os garimpeiros das áreas de cassiterita em Rondônia e Goiás e entregá-las a grandes empresas, especialmente estrangeiras. A maior empresa nacional de exploração de cassiterita já pediu concordata. E os garimpeiros, muitas vezes, são enganados pelas multinacionais e delas recebem armas e equipamentos para defender suas áreas (em troca da produção, é lógico), aumentando a confusão no setor.

COBRE — Até hoje o Brasil importa cobre. Há um grande projeto do governo se instalando na Bahia para explorar as minas de Caraliba. Mas a maior jazida foi recentemente descoberta na região de Carajás. Pertence, por enquanto, à Vale do Rio Doce, mas as multinacionais já se ofereceram para explorá-la. Pode ser desnacionalizada a qualquer momento.

CROMO — Metal muito usado na siderurgia. Toda a produção brasileira é feita na Bahia por uma empresa controlada pela Bayer, alemã.

D

DIAMANTE — A roubalheira é total. Tanto com diamantes quanto com outras pedras. A maior parte da produção, extraída de garimpos, é contrabandeada. O que sai legalmente é vendido em bruto, embora a produção lapidada valha muitas vezes mais. Em 1973 o Brasil exportou 2 mil quilos de pedras brutas, ganhando apenas US\$ 16 milhões, e 2 mil quilos de pedras lapidadas, ganhando nada menos que US\$ 19 milhões. Os grandes joalheiros internacionais não têm, óbvio, nenhum interesse em que surja uma forte indústria de lapidação no país.



E

ESTANHO — Metal que, entre outras coisas, serve para fazer folha de Flandres. Como é fácil de fundi-lo a partir da cassiterita, a indústria foi, durante muito tempo, nacional. Há pouco mais de cinco anos, entretanto, o maior produtor de estanho do mundo — Antenor Patiño — comprou a maior fábrica nacional, a Cesbra. A maior concorrente da Cesbra, o grupo Mamoré-Parapanema, já pediu concordata.

F

FERRO — O Brasil é o maior produtor de minério de ferro do mundo e a Vale do Rio Doce é a maior companhia mundial na exportação dessa riqueza essencial. As reservas brasileiras estão no Quadrilátero Ferrífero de Minas Gerais e na Serra dos Carajás (Pará).

Quadrilátero Ferrífero — Além da Vale, diversos grupos estrangeiros extraem minério em Minas Gerais. A maioria os transporta através de uma estrada de ferro e do porto da própria Vale, que tira bons lucros com essa exploração. Mas o mais importante desses grupos, o consórcio internacional MBR, liderado pela Hanna e ajudado pelo conhecido teste-de-ferro Azevedo Antunes, ex-

porta seu minério pelo porto de Sepetiba, após transportá-lo pela Rede Ferroviária Federal pagando tarifas subsidiadas. Ou seja, o povo paga para que a Hanna tenha minério barato nos Estados Unidos e ainda possa concorrer com a Vale no mercado japonês. A entrega das jazidas de minério de ferro de Águas Claras à Hanna é uma história tão escandalosa que chegou a colocar contra o governo do general Castello Branco (autor desse crime de traição nacional) o então governador Carlos Lacerda que, como todos sabem, ajudara Castello a chegar ao poder derrubando o presidente João Goulart.

Carajás — É a maior jazida de minério de ferro do mundo. Descoberta pelos americanos da empresa siderúrgica U.S. Steel, foi recuperada pelos brasileiros depois de muita briga e hoje pertence à Vale do Rio Doce. A Vale (isto é, o governo, isto é, o povo brasileiro) construirá uma ferrovia e um porto para escoar o minério de Carajás. Até aí tudo bem: só que os grupos estrangeiros resolveram transformar o projeto num empreendimento grandioso, onde aproveitarão a custosa estrutura a ser implantada pelo Brasil para desenvolver outros empreendimentos industriais e agrícolas. Em torno de Carajás deverão surgir usinas metalúrgicas

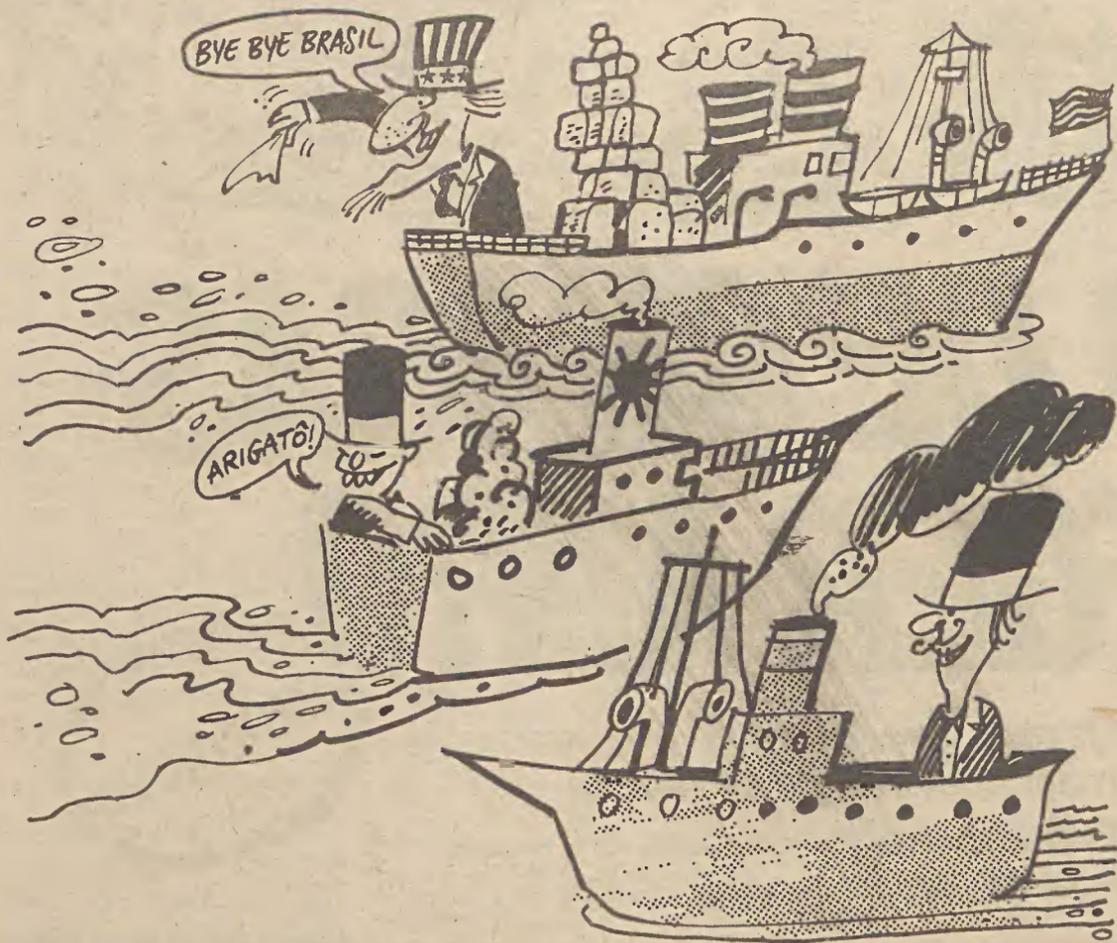
de cobre, ferro-ligas, alumínio, além de plantações de soja, arroz, cana, etc. Isto é, a Vale vai tirar o ferro, o cobre, o manganês e outros minérios existentes na região, transportá-los em sua ferrovia até as usinas das multinacionais, que transformarão esses minérios em metais e os venderão ao exterior pelo porto construído pela Vale. É claro que o minério sempre custa barato e o metal, processado, custa dez vezes mais. O Brasil vai ficar com o prejuízo do minério barato (ver bauxita, manganês, etc), da energia barata (ver alumínio) e de todos os pesados custos de implantação da infra-estrutura, cabendo às usinas estrangeiras ficar com o lucro.

Em 1950, por ocasião da Guerra da Coréia, o Brasil exportava minério de ferro a US\$ 20 a tonelada. Hoje exporta a US\$ 17, e nesses 30 anos nunca conseguiu preço maior do que aquele. Considerando a inflação brasileira e mundial, dá para perceber quanto vale hoje o minério de ferro brasileiro. Sabe quanto vales? Zero, é o que vales.

FOSFATO — Não se faz agricultura sem adubo. Não se faz adubo sem fosfato. Até uns cinco anos atrás o Brasil importava quase todo o fosfato que consumia, e a reduzida produção nacional era feita pela multinacio-

ofereceu as riquezas do nosso solo às multinacionais

DOS MINÉRIOS



nal Bung & Born (Quimbrazil). Mas a Companhia de Pesquisa de Recursos Minerais (CPRM) e a Vale do Rio Doce descobriram grandes reservas no oeste de Minas Gerais, o que foi suficiente para a Bung & Born desencadear intensa campanha pela privatização do fosfato. Perdeu. A Petrobrás entrou no jogo e acabou dona de quase tudo. Assim, a produção de fertilizantes fosfatados no Brasil está virando um virtual monopólio estatal.

M

MANGANÊS — Esse minério é fundamental na siderurgia. A maior jazida do Brasil está no Amapá e vem sendo dilapidada há quase 30 anos pela empresa norte-americana Bethlehem Steel, ajudada pelo testa-de-ferro brasileiro Augusto de Azevedo Antunes. O manganês é todo exportado para os Estados Unidos por preços que não sobem nunca em termos reais. A jazida, entretanto, vai acabar em 20 anos, tanto que o governo só permite exportação de 2 milhões de toneladas anuais. O manganês é a maior riqueza do Amapá, mas o Amapá hoje continua tão pobre quanto era há 30 anos. Daqui a 20 anos, no lugar do manganês, haverá um grande buraco e o Amapá continuará sendo... o Amapá.

Enquanto isso, a siderurgia

brasileira, localizada no Centro-Sul do país, usa cada vez mais manganês importado da África, pois a Bethlehem Steel se recusa a desviar parte de sua produção para o Sul. O Brasil paga pelo manganês importado mais do que ganha com o manganês que a Bethlehem exporta.

Uma nova e grande jazida de manganês foi descoberta na Serra dos Carajás (ver ferro). Antunes, o sócio da Bethlehem, já manifestou seu interesse por essa também.

N

NIÓBIO — O Brasil é o maior produtor desse metal de largo uso siderúrgico. Só que toda a produção é feita por uma única empresa, pertencente exatamente ao maior consumidor mundial, a norte-americana Molybdenium Corp., ou Molycorp. A Molycorp processa no Brasil as etapas menos nobres da metalurgia e deixa para fazer o mais nobre e valioso em suas usinas nos Estados Unidos. Além disso, como o nióbio pode substituir o vanádio — metal que serve para fazer ligas de aço — e a Molycorp é a maior produtora mundial de vanádio, ela trata de impedir que o Brasil tenha uma política de exportação de nióbio independente e capaz de roubar mercado ao vanádio. Ou seja, a Molycorp no Brasil produz apenas a quantidade de nióbio que a Molycorp

nos Estados Unidos quer. (Ver também pirocloro)

O

OURO — Primeiro foram os portugueses que levaram todo o ouro que puderam encontrar na superfície. Agora são os sul-africanos da empresa Anglo-American que estão tomando conta do ouro. Compraram a maior e mais antiga mina do Brasil — Morro Velho — e se associaram à exploração do ouro em Jacobina, Bahia, com o indefectível Azevedo Antunes. Querem também as minas que a Vale do Rio Doce descobriu na Bahia e no Pará.

Mas ouro dá mesmo é em garimpo. Eles existem às centenas, perdidos nas matas amazônicas e servidos de bons (e clandestinos) campos de aviação, por onde o ouro se do Brasil. Oficialmente, a produção de ouro no Brasil é avaliada em mais ou menos 6 mil toneladas por ano. Extra-oficialmente, sabe-se que ela chega a mais de 15 mil toneladas.

O mais famoso garimpo do Brasil é o de Serra Pelada, embora seja o mais novo. O governo quis badalar Serra Pelada porque lá a polícia e os dedurros chegaram juntos com os garimpeiros e puderam instalar um regime de quartel. Existem garimpos organizados há mais de 20 anos a partir da iniciativa dos próprios garimpeiros, que

nele vivem razoavelmente bem, sem polícia, mas viveriam melhor se tivessem escolas e hospitais. É certo que o ouro desses garimpos se evapora. Mas não é menos certo que o governo, embora saiba disso há muito tempo, jamais andou por lá. É porque um regime policial dificilmente se daria bem neles; e outros tipos de profissionais, com diplomas e conhecimentos de medicina, engenharia, pedagogia, o governo não se preocupa em mandar para lá.

P

PETRÓLEO — Durante muito tempo se acreditou que o Brasil poderia ser rico em petróleo. Hoje está provado que petróleo em abundância dá em poucos países no mundo. Em compensação, aquela crença levou o povo brasileiro a lutar pelo monopólio estatal do petróleo e pela criação da Petrobrás. Graças à Petrobrás, o Brasil pode hoje comprar petróleo diretamente nos países produtores, transportá-lo em navios próprios, refiná-lo em nossas refinarias e controlar a distribuição, que ainda é feita, em parte, pelas multinacionais Esso, Shell, etc. Se a situação está ruim, muito pior estaria se os brasileiros estivessem comprando gasolina refinada em Rotterdam, como fazem muitos países do mundo. Por isso, os interesses dos grandes trustes do petróleo não se cansam de lutar para desmoralizar a Petrobrás, culpando-a por uma situação sobre a qual ela não tem qualquer responsabilidade. Afinal, como um país sem petróleo pôde-se dar ao luxo de montar todo um sistema de transporte em cima de caminhões e carros, desativando suas ferrovias e sua navegação de costa?

A Shell, a Esso, etc conseguiram uma grande vitória sobre a Petrobrás que foi a abertura dos contratos de risco. Cinco anos depois se desmoralizaram: a Petrobrás, apesar das dificuldades, continua achando mais petróleo no Brasil do que as multinacionais contratadas, e ainda permanece assegurando o suprimento importado, apesar das constantes crises nos países árabes e no mundo.

PIROCLORO — Outro escândalo. Do pirocloro se extrai o nióbio (ver). A maior jazida do mundo pertencia ao governo de Minas Gerais, que a negociou em condições pouco esclarecidas com o banqueiro Walter Moreira Salles, que logo se associou à Molycorp (ver nióbio), ou seja, transferiu para um grupo estrangeiro o controle do pirocloro nacional. O Brasil — isto é, a Molycorp no Brasil, com o apelido de CBMM — é o maior

produtor mundial, só que, como acontece com o nióbio e por causa disso, não tem nenhum controle sobre essa produção.

POTÁSSIO — Assim como o fosfato (ver), é fundamental como fertilizante agrícola. O Brasil importa todo o potássio que consome. Entretanto, tem potássio para atender a seu consumo durante séculos. O minério está no fundo da terra, em Sergipe. Pertencia à CPRM. Ao invés de explorar, privatizou, entregando a jazida a um dos mais conhecidos picaretas nacionais, Linaldo Uchôa de Medeiros, que tratou de deixar o minério onde ele sempre esteve, embaixo da terra. Enquanto isso, as multinacionais faturavam exportando potássio para o Brasil. Felizmente o império financeiro de Linaldo veio abaixo e a Petrobrás tomou conta das jazidas de potássio. Com 15 anos de atraso, deve entrar em produção nos próximos dois anos.

S

SHELITA — Minério de onde se extrai o tungstênio (ver), metal essencial para a poderosa indústria de lâmpadas (dele se faz o filamento). O Brasil é o maior produtor mundial e exportador, mas metade da produção já está em mãos de grupos estrangeiros.

T

TUNGSTÊNIO — Embora seja o maior produtor mundial de shelita (ver), o Brasil simplesmente não fabrica um só quilo de tungstênio. As multinacionais retiram daqui a shelita, fabricam lá fora o filamento de tungstênio e reexportam para as fábricas de lâmpadas localizadas no Brasil. Claro que shelita custa barato e tungstênio custa caro.

U

URÂNIO — Agora se descobriu que o Brasil tem urânio. Para dar e vender. Espera-se que não dê. Por enquanto as reservas estão nas mãos da Nuclebrás, mas o monopólio estabelecido na década de 60 foi quebrado no governo Geisel, que permitiu a associação da Nuclebrás com grupos estrangeiros para pesquisar e explorar urânio no Brasil. A única associação até agora feita foi com um grupo alemão e o resultado tem sido, até certo ponto, frustrante, o que prova mais uma vez que os brasileiros não têm muito o que aprender com estrangeiros quando se trata de achar minério em seu próprio país.



O PLANO DE CHAGAS PRA ELEGER MIRO EM 82

EXCLUSIVO

Para eleger Miro Teixeira governador e manter a maioria das bancadas estadual e federal, o Partido Popular vai gastar o que for necessário. Em dinheiro e em obras que dêem votos. Por isso, o governo do Estado é, hoje, o maior cabo eleitoral do PP, movimentando quase Cr\$ 200 bilhões por ano para evitar qualquer surpresa em 1982.

A estratégia do Palácio Guanabara é simples: todos os investimentos públicos estão sendo feitos em áreas densamente povoadas, com colégios eleitorais expressivos. "Este é o ano da Baixada Fluminense", costuma dizer o governador Chagas Freitas. E será. Estima-se que 75% do orçamento do setor de obras (aí incluídos os projetos de saneamento básico e transportes) serão consumidos pelos quatro municípios - São João de Meriti, Duque de Caxias, Nilópolis e Nova Iguaçu - que formam o maior contingente eleitoral do Estado (algo em torno de 1 milhão e meio de eleitores).

Para administrar essas obras, Chagas elevou à condição de gerente-geral da Baixada o presidente da Fundação para o Desenvolvimento da Região Metropolitana (Fundrem), arquiteto Fawler de Melo. É ele quem controla os

repasse de verbas do governo federal na área de desenvolvimento urbano. Isto significa que Brasília só recebe do Estado do Rio de Janeiro projetos que interessem politicamente à máquina eleitoral do governador. Por isso mesmo a liberação dos recursos é extremamente lenta, e são inúmeros os projetos que ganham o timbre de "arquite-se".

Nas mãos da Fundrem, e não nas das secretarias, está o poder de definir onde se vai investir. O critério é o seguinte: atender as regiões mais carentes, principalmente em Caxias e Nova Iguaçu, os municípios mais populosos. Das quatro prefeituras, apenas a de Nova Iguaçu não é controlada pelo PP, e sim pelo PDS. Esta é a que mais sofre, pois o governo estadual executa projetos sem fazer convênios, como ocorre com todas as demais. Assim, a responsabilidade pelas obras acaba sendo, aos olhos da população, exclusiva do Estado.

A grande obra na Baixada, até as eleições, será a construção da nova adutora de água, ligando Xerém a Guandu. O PP espera obter um dividendo eleitoral de mais de 400 mil votos. Outras pequenas obras, com interesse político, são planejadas pela Secretaria de Obras, cujo titular, Emílio

- Obras só na Baixada, que rende mais de 1 milhão de votos
- Fundrem comanda tudo e investe apenas em município amigo
- Gastos totais de Cr\$ 200 bilhões em 81
- Urbanização rápida de favela atende 600 mil eleitores
- Secretários não podem recusar pedidos do PP
- Intervenção na Prefeitura
- Administração regional vira escritório do candidato

Ibrahim, ainda aspira à sucessão de Chagas Freitas. Talvez por isso passou a ser marginalizado no Palácio: no primeiro ano de governo era o homem forte; hoje, é apenas um secretário sem poder.

A Fundrem também é o instrumento de pressão política do chaguismo sobre os prefeitos que não aderiram ao PP. Não se dará qualquer ajuda a quem não for do partido. Exemplo disso: dois grandes aterros sanitários serão construídos em São Gonçalo e Petrópolis, ambas prefeituras do PP. Mas os estudos técnicos

demonstram que a situação de recolhimento do lixo é muito mais grave no norte fluminense. A prioridade técnica, no entanto, não se impõe frente aos números: São Gonçalo e Petrópolis têm, juntos, 600 mil eleitores. A própria coleta domiciliar de lixo - até há pouco tempo um privilégio do Rio e de Niterói - está chegando, pelas mãos dos chaguistas, à Baixada. Em São João de Meriti, a população não precisa mais jogar dejetos em terrenos baldios porque o governo estadual gastou mais de Cr\$ 40 milhões para pôr em prática o serviço.

E, assim por diante, as deficiências reais do Estado não prevalecem diante dos interesses políticos do governador. É precária a rede de esgotos na Região dos Lagos, onde em vários municípios não há água encanada. Não há providências, porque naquela área há prefeitos da Oposição. Mas, para evitar que haja enchentes, vai-se gastar perto de Cr\$ 100 milhões para drenar e canalizar os rios que servem à Baixada.

Para conciliar a campanha de Miro Teixeira com a necessidade de preservar a maioria na Assembléia Legislativa, Chagas estabeleceu um critério: as secretarias estaduais devem atender, rapidamente, a todos os pedidos que os deputados fizerem, desde que não impliquem aumento de despesas. Os pedidos de iluminação de ruas, calçamento e pavimentação de logradouros são admissíveis porque, no começo do ano, cada deputado recebe uma cota de requisições de obras. Apenas aqueles que são bons de voto ou que desfrutam da amizade pessoal do governador e de Miro Teixeira podem exceder o número de pedidos. Nenhum secretário de Estado pode recusar um desses pedidos sem antes ligar para o gabinete de Chagas.

MIRO PARA GOVERNADOR

Coutinho ia ser demitido. Preferiu se enquadrar

As favelas também estão nos planos da campanha de Miro Teixeira. Estima-se que a população favelada do Grande Rio é de mais de 600 mil pessoas. Nos últimos anos registrou-se um crescimento dos votos oposicionistas — excluindo o PP — naquelas áreas, embora o chaguismo ainda continue sendo o mais votado.

A estratégia para as favelas está definida: o Estado, em convênio com a Prefeitura, vai urbanizá-las, não importa quanto gaste, nem a qualidade dos serviços que irá prestar. Há dois meses, com banda de música, faixas ufanistas e muitos discursos, o prefeito Júlio Coutinho e o deputado Miro Teixeira foram à favela da Rocinha assistir ao início das obras de urbanização do grande valão, por onde correm os esgotos das casas de seus 100 mil moradores.

Até o fim do ano, a Secretaria de Desenvolvimento Social começará a urbanizar a maior favela do Rio — a do Jacarezinho — onde vivem, em condições precárias, aproximadamente 140 mil cariocas. Para realizar esta obra, a Prefeitura terá que aumentar em mais de 30% sua dívida externa, porque recorrerá a empréstimos a bancos estrangeiros, além de utilizar doações da Unesco. Os chagulistas esperam que, antes das eleições, a maioria das favelas já tenha recebido melhorias, mesmo que em algumas isto signifique apenas um poste de luz ou uma calçada de cimento.

Para consolidar seu trabalho nas favelas, o chaguismo enfrenta atualmente um sério problema: ainda não conseguiu que a Fundação Leão XIII, órgão que faz assistência social nas favelas, se entrosasse com a campanha de Miro. Desde a posse de Chagas Freitas, a Fun-

dação já teve três presidentes — todos demitidos a pedido de Miro. O atual, José Machado Costa, está para ser demitido por divergências quanto ao envolvimento do órgão em problemas políticos. Além de exigir que a Fundação Leão XIII convença os favelados a votarem nos seus candidatos, o comando chaguista quer que ela atenda também às reivindicações das escolas de samba do Grande Rio, outra poderosa fonte de votos. Em troca de faixas de agradecimentos a Miro Teixeira e políticos do PP, algumas escolas de samba pedem equipamento de som, pintura das quadras e segurança durante os ensaios. Sempre conseguem. Tanto assim que na agenda de Miro as noites de sábado são sempre reservadas para visitas àquelas agremiações.

Outra decisão tomada pelos chaguistas: valorizar os administradores regionais. Este era um velho plano de Chagas Freitas, já que os administradores sempre foram cabos eleitorais em seus bairros, mas haviam sido desprestigiados no governo Faria Lima. A partir de agora, os órgãos públicos municipais e estaduais receberão das Administrações Regionais listas de pequenos pedidos de moradores e, sempre que possível, têm ordens para executá-los. Dos atuais administradores, poucos são os que não trabalham para os candidatos de Chagas há pelo menos 12 anos. E alguns são eternos candidatos derrotados (sempre concorrem às eleições, mas nunca se elegem). As Administrações não terão verbas próprias, para evitar que seus titulares as utilizem em causa própria. Mas terão apoio para se transformarem em verdadeiros escritórios políticos da campanha de Miro Teixeira.



Crédito externo pra aplicar no Jacarezinho

A Prefeitura do Rio está, desde o começo de janeiro, sob a intervenção do governador Chagas Freitas. Cansado de ouvir reclamações dos políticos do Partido Popular (PP) sobre as dificuldades de acesso à máquina administrativa do município, Chagas apresentou ao prefeito Júlio Coutinho duas propostas: sua demissão do cargo ou uma completa modificação em seus planos de trabalho. Coutinho escolheu a segunda. Fonte do Palácio Guanabara esclareceu que os problemas entre Coutinho e os políticos do PP começaram dois meses depois de sua posse, quando os pedidos de emprego ou de urbanização de logradouros deixaram de ser atendidos prontamente e passaram a ser submetidos à apreciação dos órgãos técnicos da Prefeitura. Em pouco tempo, deputados estaduais e vereadores fizeram fila à porta do gabinete do deputado Miro Teixeira — o coordenador político do governo estadual e candidato à sucessão de Chagas Freitas — para reclamar do prefeito. Miro, que depende do apoio desses

políticos em sua campanha eleitoral, tentou contornar a crise em mais de um encontro com Júlio Coutinho. Nos últimos meses de 1980 a situação se agravou: alguns deputados não foram convidados para inaugurações de obras da Prefeitura em seus redutos eleitorais. Com isso, o governador resolveu intervir. Sabe-se que ele determinou ao prefeito uma revisão no plano de obras para este ano, dando-se prioridade aos investimentos nos bairros suburbanos e da Zona Rural — onde se concentram mais de 60% do eleitorado do PP. Outra decisão do governador: a partir de agora, qualquer projeto da Prefeitura terá de ser aprovado, previamente, pelos técnicos do governo do Estado. Motivo: na avaliação do comando chaguista, a candidatura de Miro Teixeira tem sofrido sérios prejuízos com algumas decisões da Prefeitura. A gota d'água foi o anúncio, pelo subsecretário municipal de Planejamento, Armando Abreu, de que as associações de bairros não mais participarão das Câmaras Técnicas, seminários que propõem soluções para os problemas urbanos do Rio. Houve protestos, os jornais criticaram a medida e o PP ficou sem argumentos para se aproximar, como planejava,

das associações. Já havia, inclusive, reuniões marcadas do deputado Miro Teixeira com representantes de alguns bairros, com o objetivo de tentar conseguir apoio à sua candidatura. Também foi comunicado a Júlio Coutinho que desagradaram ao governo estadual os resultados da Câmara Técnica que tratou da ocupação do solo nas áreas de influência do metrô. É que as associações de bairros não concordaram com o projeto e fizeram duras críticas à Prefeitura. O raciocínio do Palácio Guanabara é simples: embora Miro Teixeira se empenhe para dar um caráter oposicionista à sua campanha para governador, ele está vinculado aos governos municipal e estadual. Os deslizamentos da equipe de Júlio Coutinho, por isso, serão evitados ao máximo. Admitem-se até mudanças no secretariado municipal, para adaptá-lo às necessidades da campanha eleitoral. De uma coisa Júlio Coutinho não pode se esquecer, diz a fonte: qualquer problema que ele venha a criar aos planos políticos do PP custará o seu afastamento do cargo. Se isso não foi feito agora é porque Chagas não quer sofrer o desgaste de ter que demitir, em menos de três anos de mandato, dois prefeitos (o primeiro foi Israel Klabin).

REPORTER é o jornal mais vendido da imprensa alternativa.

No primeiro semestre de 1980, nossa venda foi superior a 50 mil exemplares por mês. Um recorde entre os jornais de oposição.

No segundo semestre, apesar das bombas dos terroristas, o interesse dos leitores segurou a barra e garantiu nossa circulação.

A aceitação do jornal nos estimula a lançar mais de uma edição por mês em 1981.

REPORTER está cada dia mais vivo. Fique do nosso lado. Faça sua assinatura.

assine REPORTER

Assinatura por 12 edições: Cr\$ 400,00

Envie cheque nominal ou Vale Postal para:

MARGEM S.A. Editora e Gráfica

Rua Miguel Couto 134/11º — 20070 — Rio de Janeiro

Nome:

Profissão:

Endereço:

CEP: Cidade: Estado:

Em S. Paulo, coronel sai da cadeia e faz nova acusação:

Corrupção no Detran cresceu em janeiro!

— Em janeiro, enquanto estive preso, a corrupção no Detran se tornou mais feroz. Em dezembro, quando fiz as denúncias, a caixinha parou devido às repercussões. E parou justamente no fim do ano, quando o movimento é maior. Em janeiro eles quiseram recuperar o faturamento perdido e o "pedágio" voltou com força total.

Muito tranqüilo, o coronel PM Sydnei Palacios não pestanejou ao dar estas declarações exclusivas ao REPORTER, dia 25, depois de deixar a prisão disciplinar de vinte dias a que foi condenado por acusar o chefe da Casa Civil do governador Paulo Maluf, Calim Eid, de participar do esquema de corrupção no Detran paulista.

Seguro do que diz, o coronel Palacios afirma ter "testemunhos de funcionários graduados na administração pública comprovando as denúncias que fiz". E cita o caso de um funcionário do Detran afastado por suspeita de corrupção e que hoje trabalha no gabinete de Calim Eid:

— Celso Ubirajara Russomano, do Det-4, foi acusado de favorecer donos de auto-escolas e despachantes na expedição de

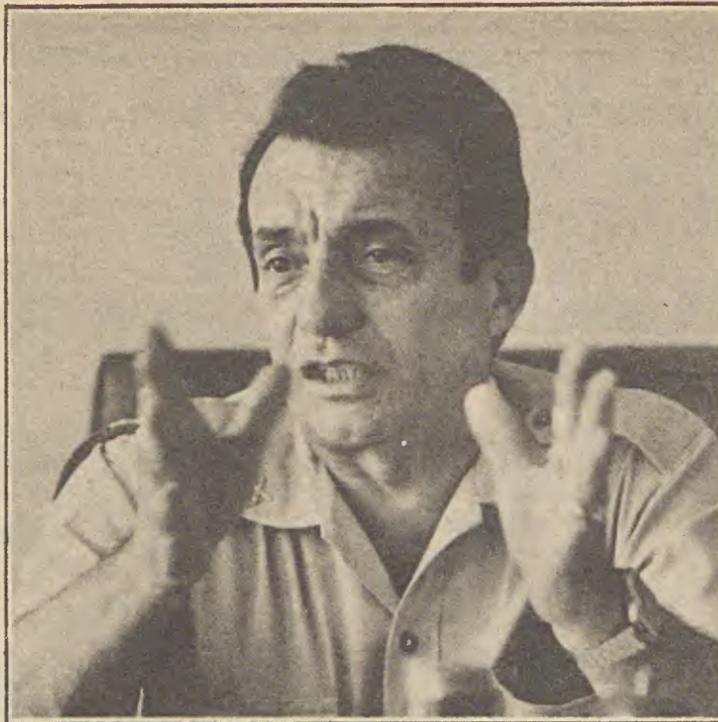
placas. Quem o afastou foi um delegado (Nota da redação: o nome é Francisco Nascimento) que tentou moralizar o Detran e também caiu. Hoje, Russomano serve no gabinete de Calim Eid.

O coronel Palacios afirma que todas as auto-escolas de São Paulo são obrigadas a participar da caixinha do Detran, localizada no setor de Habilitação.

— Os alunos da escola que se recusa a contribuir jamais passam nos exames, fazendo com que ela fique com fama de auto-escola que não aprova seus candidatos. Por isso, quem quer tirar carteira de habilitação é obrigado a desembolsar Cr\$ 4 mil de propina ou pagar Cr\$ 18 mil e ficar em casa esperando o documento, garante Palacios.

"Sou do Palácio" é a senha

Citar o Palácio dos Bandeirantes, sede do governo de São Paulo, é meio caminho andado para tirar uma carteira de motorista no Detran. A informação foi passada para uma arquiteta por um funcionário do próprio Palácio. A moça, no dia de seu exame de motorista, mesmo en-



Coronel Palacios foi preso por denunciar corrupção

Foto Hélio Campos Mello

vergonhada, não teve dúvida em dar a senha pro examinador:

- Sou do Palácio do Governo.
- De que Secretaria?
- Do Planejamento.

Tudo bem. Foi entrar no carro, receber todas as dicas do homem e no fim gratificá-lo com mil cruzeiros. Essa história, muito recente, confirma as acusações do coronel Palacios. Aliás, todo mundo em São Paulo sabe da corrupção no Detran, e até mesmo os funcionários do órgão falam disso abertamente. Um dia após a prisão do coronel, um datilógrafo, enquanto batia as guias de recolhimento de um candidato à renovação da carteira de habilitação, comentava:

— Quem oferece corrupção é pior do que quem recebe.

Minutos depois, o mesmo datilógrafo vira-se para o candidato e pergunta:

- Você trouxe selo?
- Não, ninguém falou de selo.
- Vou quebrar seu galho. Eu ponho o selo e você me dá um cafezinho.

Na parede, por trás da mesa do funcionário, uma placa bem visível anuncia: "Não vendemos selo". E o diabo do selo custa apenas um cruzeiro. Quer dizer, é uma coisa ridícula que parece existir apenas para alimentar o datilógrafo de "cafezinho" o dia inteiro. Resultado: ali na frente de uma porção de gente que espera sua vez, funcionário e candidato praticam sua corrupção microscópica.

Alex Solnik e Rivaldo Chinem

Metrô carioca aumenta custos do transporte

2 mil ônibus saem das ruas

O governo gastou mais de Cr\$ 130 bilhões, a custos atuais, no metrô, sob a alegação de que o povo precisava de transporte bom, rápido e barato. Mas tudo não passou de uma farsa. O governo Chagas Freitas não quer racionalizar as linhas de ônibus para facilitar o acesso ao metrô. Para utilizá-lo, o passageiro acabará tendo que fazer vários transbordos, o que elevará seus gastos com transportes. Para que houvesse melhoria do sistema de ônibus, o comando dessa atividade teria que ser centralizado e o número de empresas significativamente reduzido (atualmente há 50 em ação). Embora Chagas não queira enfrentar essa situação, um problema ele terá que resolver até dezembro: o metrô, ainda em 81, vai operar 30 quilômetros de linhas, exigindo a retirada de 2.000 ônibus. Se tal não ocorrer, a concorrência entre os dois sistemas de transportes será ruínoza para ambos e para a população. A resistência de Chagas em introduzir melhorias no sistema de transportes pode ser explicada pelos grandes interesses em jogo. As empresas de ônibus

movimentam diariamente Cr\$ 180 milhões em dinheiro vivo e há indicações de que seus lucros chegam a Cr\$ 90 milhões. Grande parte desse lucro é conseqüido às custas da população pobre. Como no Rio a tarifa é por quilômetro, quem mora nos subúrbios e em grande parte da Zona Norte (onde a renda é menor) paga quase duas vezes mais que o morador da Zona Sul. Com o metrô, essa questão poderia ser resolvida se o governo, como acontece nos países desenvolvidos, fixasse uma tarifa única para todos os meios de transportes. A desorganização que impera no setor de transportes se reflete na máquina oficial. Diversos órgãos, com burocratas bem pagos, metem a colher no setor. Só no Rio de Janeiro funcionam o Detran, DTC, CTC, Metrô e Conerj (Companhia de Navegação do Rio de Janeiro), na Secretaria de Transportes; DGTC e Secretaria de Obras, na Prefeitura; e a Rede Ferroviária Federal. A racionalização do sistema de transportes tornaria parte dessa burocracia inútil, o que a leva a ser contrária a mudanças. Uma posição que reforça a estratégia de Chagas Freitas de deixar tudo como está.



Saturnino Braga, do PMDB

Saturnino quer usar melhor os coletivos

"Para resolver o problema dos transportes coletivos no Rio é preciso diminuir o número de empresas que controlam o serviço de ônibus. Só assim será possível racionalizar os trajetos e utilizar melhor a frota já existente." Quem diz isso é o senador Saturnino Braga, candidato do PMDB ao governo do Rio de Janeiro na eleição direta de 1982.

Para ele, do jeito que as coisas estão atualmente, com um número enorme de empresas, todas as linhas de ônibus têm que ser lucrativas, pois cada empresa controla um número muito pequeno de linhas. Resultado: os trajetos têm que ser inutilmente esticados para aumentar a quantidade de passageiros transportados. "Reduzindo o número de empresas, cada uma delas poderia ficar com mais linhas. Aí daria para fazer um jogo: uma empresa poderia ficar

com algumas linhas pouco lucrativas, e isso seria compensado pelos ganhos nas outras linhas. A partir daí poderíamos manejar melhor o sistema de transportes coletivos", diz Saturnino Braga.

Outro ponto considerado essencial pelo candidato do PMDB é reduzir a esfera de circulação dos automóveis para que os ônibus fizessem as viagens com mais rapidez. Cálculos realizados por órgãos oficiais indicam que cerca de 70% das pessoas que se deslocam no Rio utilizam o ônibus como meio de transporte. Assim, se os ônibus fizessem mais viagens, poderiam transportar quase toda a população do Rio.

Mas a redução do peso do transporte individual fere poderosos interesses estabelecidos, entre eles o da indústria automobilística, que emprega mais de 450 mil pessoas e tem ligações (através das encomendas que realiza) com um sem número de outros setores industriais.

Outras idéias a estudar, para melhorar a situação dos transportes coletivos, seria a mudança de horário de certas atividades econômicas para evitar engarrafamentos pela manhã e no final da tarde e uma maior integração das diversas modalidades de transportes. Para Saturnino Braga, há um grande desentrosamento entre o metrô, o serviço de ônibus e os trens. Essa falta de coordenação é provocada, em parte, pelo fato de que na administração dos transportes estão envolvidos não só a Prefeitura do Rio de Janeiro e o governo do Estado, mas também o governo federal (que controla a Rede Ferroviária).

Foto Chiquito Chaves

BAIRROS

Chaguista racha União da Rocinha

As associações paralelas são mais um problema grave na luta diária das associações de moradores. Na favela da Rocinha, Zona Sul do Rio, Eleonora Castanho, que não é nem moradora da comunidade, com o deputado federal Miro Teixeira (Partido Popular) e a Fundação Leão XIII por trás, já fez de tudo para esvaziar o movimento popular.

O resultado foi a criação de duas associações com o mesmo nome — União Pró-Melhoramentos dos Moradores da Rocinha — que agora brigam na Justiça. Segundo Renato Moura, presidente da ASPA (Ação Social Padre Anchieta), entidade de ação cultural na Rocinha, "a União foi uma só por 18 anos, até que em 79 a presidente Silvana cansou de ser manipulada por Eleonora, que fazia até mudanças clandestinas nos estatutos, e então houve a divisão: Eleonora fundou outra União, com sede na localidade da Cachopa, enquanto a antiga fez novas eleições e conservou a sede do Bairro Barcelos".

Segundo Oliveira, presidente eleito da União, "antes das eleições Eleonora moveu um processo na Justiça, alegando ilegalidade dessa associação, e pagou moradores para distribuir panfletos ameaçadores à votação com o logotipo do Jornal O Dia atrás. Ela também tentou impedir a posse da nova diretoria — que tinha a presença de deputados, associações de moradores e até do senador Nelson Carneiro — mandando um pessoal da Fundação Leão XIII".

Para o padre Cristiano, desde 74 trabalhando na Rocinha e há dois anos morando lá, "Eleonora sempre usou todo mundo, do partido do governo à Oposição, entrando em todas as repartições públicas sem se importar com as tendências", e teve voz na favela — "dentro da própria Igreja era difícil convencer as pessoas das mentiras que ela falava".

Oliveira ainda declara: "Dizem que ela é policial e que está aqui para evitar todo um trabalho de organização dos moradores; nove pessoas daqui já foram parar no Dops por causa dela, inclusive o padre Cristiano e dois ex-presidentes da associação".

A opinião é unânime com relação aos objetivos políticos de Eleonora: ela quer se eleger deputada e seu irmão, vereador, ambos pelo PP, e por isso veste pele de cordeiro. Encabeçou uma carta ao presidente Figueiredo, assinada por moradores, pedindo a desapropriação, por interesse social, de toda a favela e a legalização da posse da terra, acusando ainda a vereadora Daisy Lúci de estar defendendo os grileiros e recebendo dinheiro das imobiliárias.

A origem da polêmica é uma área de 47 mil metros quadrados na Cachopa, adquirida há 10 anos pela Igreja Evangélica da Libertação, em nome do pastor Almir Guimarães, fundador da mesma, que é acusado pelos moradores de fazer ameaças de despejo, sem a documentação legal do terreno.

Eleonora conseguiu a desapropriação dessa área pelo ex-prefeito Israel Klabin, mas até agora não houve a avaliação para indenização porque, segundo Ariovaldo, genro do pastor, não há interesse da Prefeitura em indenizar uma área de Cr\$ 500 milhões. Ele acha que o governo está patrocinando a invasão de seu terreno, com 132 construções novas, a maioria de alvenaria.

ALERTA!

Federação quer adesões em todo o Estado

A última reunião do conselho de representantes da Federação das Associações de Moradores do Rio (Famerj) discutiu o processo eleitoral com 45 associações de moradores.

Segundo César Campos, presidente da entidade, foi feito um levantamento de 90 associações com as quais a Famerj vem trabalhando desde 78, quando então a lista era de apenas 15. São todas associações de conjuntos habitacionais, loteamentos ou bairros, e o maior empenho da Famerj no processo eleitoral é a formalização da filiação dessas associações, a regularização perante a Federação.

Para Jô Resende, presidente do conselho, "o registro em cartório das associações é importante para evitar o paralelismo", ao mesmo tempo em que dá às entidades o direito de responder como pessoas jurídicas.

O representante do Movimento Amigos de Bairro (MAB) do município de Nova Iguaçu, Ivo, afirma que é importante fortalecer a Famerj junto aos conjuntos de moradores do Estado, para que ela tenha filiações em todo o Rio de Janeiro.

Só condução leva 1/3 do salário

"Com o último aumento de 45% nas passagens de ônibus, o trabalhador que ganha salário mínimo e mora em regiões como Cidade de Deus, Baixada Fluminense, Zona Oeste, passa a gastar a terça parte de seu salário com transporte."

A afirmação é de Hermes Cavalcante, da Associação de Moradores de Vila Coqueiros, que realizou um trabalho onde mostra que a única alternativa que sobra para os trabalhadores é o trem. "Acontece - diz Hermes - que os trens já estão transportando quase 700 mil pessoas por dia, estourando em muito sua capacidade. Por isso, mais de 70% do transporte de massa são feitos pelos ônibus, e os altos preços das passagens estimulam o crescimento das empresas particulares que exploram esse tipo de condução. Assim não é possível, ninguém agüenta mais, só o povo paga pela crise", conclui, irritado, Hermes Cavalcante.

Lise Török

Associações de bairros que tenham jornais ou boletins, enviem para REPORTER, rua Miguel Couto 134, 11º andar, CEP 20070, Rio. Vamos divulgá-los.

Moradores afastados do planejamento da cidade

Prefeitura entrega Rio a imobiliárias

As imobiliárias ganharam. Como REPORTER denunciou em várias oportunidades, as associações de bairro acabaram finalmente sendo afastadas pela Prefeitura de qualquer discussão sobre o planejamento da cidade. A decisão já estava tomada desde a posse do prefeito Júlio Coutinho, no ano passado, mas só agora foi tornada pública oficialmente. No 1º Seminário sobre Regiões Administrativas, em janeiro, o subsecretário de Planejamento, Armando Abreu, informou que a medida era uma imposição técnica: além de tomar muito tempo da Prefeitura, as associações não tinham capacidade técnica, segundo ele, para discutir os destinos da cidade. Não é nada disso. A decisão anunciada por Armando Abreu foi o último lance de uma partida de xadrez que a Prefeitura vem jogando há dois anos, em defesa das imobiliárias. A história é a seguinte: em 1978, as associações de moradores do Cosme Velho, do Grajaú e de Laranjeiras conseguiram, através do diálogo direto, que a Prefeitura controlasse parcialmente o crescimento imobiliário

desenfreado. Houve reação das imobiliárias e foi tentada uma solução intermediária: as chamadas Câmaras Técnicas, seminários de discussão com participação das associações de bairros. Também não deu resultado. A alternativa foi a medida radical. Segundo o presidente da Famerj (Federação das Associações de Moradores do Rio), César Campos, a posição da Prefeitura só evidencia o seu isolamento: "Como planejar o crescimento da cidade sem ouvir os principais interessados? A resposta é clara: a Prefeitura parece estar mais a serviço das imobiliárias do que da população". A confirmação das palavras de César Campos está nos acontecimentos dos últimos dois anos. Com a reação das imobiliárias após os êxitos dos moradores do Cosme Velho em 78, foram criadas as Câmaras Técnicas com apenas um representante da comunidade, três da Prefeitura e dois das imobiliárias. Mesmo assim, as comunidades conseguiram êxito nas Câmaras Técnicas da Gávea e de Laranjeiras. Na última Câmara Técnica, a situação se inverteu: as

imobiliárias saíram de cena estrategicamente e as associações de bairro perderam direito ao voto. Mais uma vez frassou a Prefeitura. Os representantes dos bairros denunciaram a falta de critério dos trabalhos e a existência de um "pacote", já pronto, para liberar os gabaritos na ZE-9, zona urbana especial que corta toda a área do metrô. Por que a mudança de estratégia do município e das imobiliárias? Na ZE-9 ficam hoje os terrenos mais valiosos do Rio. Só o Metrô tem estoques avaliados em mais de Cr\$ 2,5 bilhões, a preços do ano passado. Sem a liberação dos gabaritos, os lucros das imobiliárias ficarão restritos e o governo não conseguirá pôr em prática seu plano de superconcentrar a população na área de influência do metrô para continuar cobrando caro pelas passagens. "Nós fomos para a Câmara Técnica da ZE-9 discutir assuntos sérios", diz Jô Resende, presidente da Associação de Moradores do Cosme Velho. "Integração de transportes, uso dos terrenos do Metrô, restrição ao uso do automóvel, etc. Mas nada disso

estava na pauta. A Prefeitura já tinha um projeto pronto e foi o que aprovou. Nós só passamos a ser encarados com seriedade depois que começamos a fazer denúncias pelos jornais." As denúncias das associações de bairro sobre o desvirtuamento da Câmara Técnica da ZE-9, que se limitou apenas ao trecho Botafogo-Glória, foram confirmadas pelo Instituto dos Arquitetos do Brasil, Seção do Rio de Janeiro. Uma nota nesse sentido chegou a ser divulgada. Menos de um mês depois a Prefeitura fez seu último lance: fechou o diálogo, voltando à época do primeiro governo Chagas Freitas, quando a Associação de Moradores da Gávea, pioneira no Rio, fechou por falta de canais para se comunicar com o poder público; e a especulação imobiliária tomou conta da cidade. "A diferença é que agora a realidade mudou. Nós vamos continuar trabalhando e a Prefeitura terá de nos ouvir. Queira ou não, nós continuaremos lutando pelo diálogo e trabalhando. Do nosso lado está a população", diz César Campos.

Favelados paulistas denunciam:

Abandonadas creches públicas da periferia

"Uma creche a cada 8 dias", diz a campanha publicitária da Prefeitura de São Paulo. Sem dúvida, o número de creches públicas aumentou bastante nos últimos anos - eram 4 em 1978 e hoje são 70. Acontece que de pouco adianta construir creches se a própria Prefeitura não fornece as condições para seu funcionamento.

A creche da favela São Remo é do tipo considerado ideal por técnicos da Prefeitura para resolver o problema na cidade: foi construída pelos favelados e depois entrou em convênio com a Prefeitura. Mas o convênio não melhorou nada.

- A Prefeitura demorou três meses para soltar o dinheiro - conta a funcionária Maria Élia. - Não aparecia médico e nem professora. Ai não agüentamos mais, chamamos os jornais e a tevê. Só assim o dinheiro do convênio apareceu, mas em compensação a favela encheu de mulher de político, gente do Palácio e da Prefeitura. Querendo ajudar, começaram a internar crianças em hospital, internaram até quem não estava doente. Chegou muito alimento, os funcionários foram pagos, mas as 60 crianças não tinham condições de ficar na creche: não havia berços, brinquedos, nem parquinho. Médico também nunca apareceu. Um dia só apareceu uma moça da Prefeitura para brincar com as crianças. E nunca mais.

Até que a creche foi depredada:

- Os próprios favelados quebraram - conta Maria Élia. -

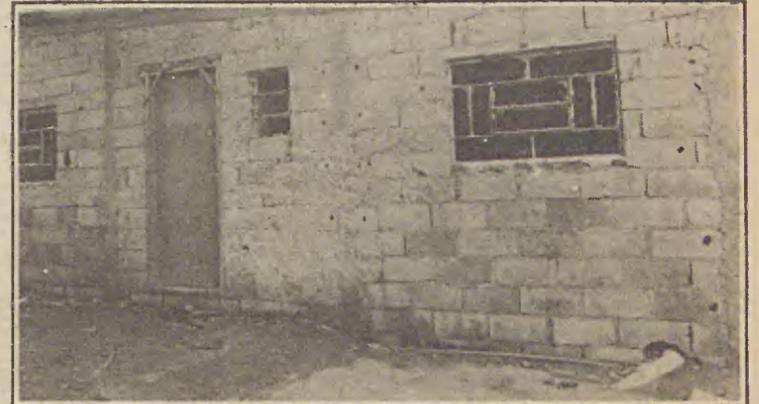
Foi no Natal. A rádio Cidade resolveu fazer uma festinha aqui, trouxe presentes, só que em vez de serem distribuídos entre o pessoal, eles foram guardados na creche. Os favelados se irritaram e invadiram a creche para pegar os presentes. Aproveitaram e destruíram, roubaram chuveiros, até as telhas arrebentaram. Ai, a creche fechou. E está assim até hoje. Não veio ninguém da Prefeitura ver o que aconteceu.

Em outra favela, São Domingos, no Butantã, há dois anos a Prefeitura está "terminando" a obra iniciada pelos moradores. Eles ergueram um barracão de madeira sozinhos, num mutirão. Quando a Prefeitura entrou para completar, complicou tudo.

- Sempre aparece aqui um engenheiro, mede tudo, vai embora e não volta mais - conta um favelado, José Lopes. Depois de dois meses vem um saco de cimento, um pouco de areia, e tudo se perde porque a Prefeitura não manda ninguém para trabalhar.

Celina Hilário, outra favelada, disse que a "Prefeitura usou 600 mil cruzeiros para fazer obras já feitas pelos moradores, como o teto da creche. E o muro construído há quatro meses foi tão mal feito que já está com rachaduras. Por fim, a Prefeitura considerou a creche concluída, sem portas internas, sem pias na cozinha, os trincos das janelas quebrados".

Essa é outra creche que não funciona por falta de condições. A Prefeitura já voltou atrás, reconheceu que a construção não ficou boa e promete reformar



Favelados irritados invadiram a creche da favela São Remo...



...que continua abandonada até hoje

tudo de novo. Ninguém sabe quando.

Outro exemplo do que acontece numa creche da Prefeitura vem do Jardim Ester, inaugurada há 7 meses. Há duas mil crianças na região, mas a creche tem capacidade para 45. A comida é decente, mas médico, por exemplo, apareceu só uma vez, agora em janeiro.

- Se dependesse da Prefeitura, isso aqui não funcionava - dizem os funcionários. - Toda hora acontecem problemas elétricos e hidráulicos que a Prefeitura não atende. Nós é que temos de resolver tudo sozinhas, gastando até dinheiro do próprio bolso quando queima um fusível, o que é comum. Inauguraram essa creche sem infraestrutura básica. Embora a co-

mida seja boa, não há um lugar fresco para conservar os alimentos. A cozinha e a dispensa são verdadeiras estufas, muitos produtos se perdem.

Os salários das funcionárias são baixíssimos. Uma pajem ganha Cr\$ 5.400,00 por mês por 8 horas diárias. E, se alguma funcionária sai, o cargo é preenchido só depois de uns três meses por causa da burocracia exigida.

Para denunciar esse tipo de situação é que, em março do ano passado, surgiu na periferia de São Paulo o Movimento de Luta por Creche que, usando números da própria Prefeitura, afirma serem necessárias cerca de mil creches para atender as crianças da periferia da cidade.

Teresa Moreira

Fotos de Wagner Avancini

Hippo, Regine's
e Castel disputam
a noite do Rio

Texto e fotos
de A. Cavalcanti

GUERRA DE BOATES



Ricardo Amaral



Régine Choukroun



Jean Castel

REPORTER

A inauguração, no final do ano passado, do Chez Castel, filial carioca de uma rede internacional de propriedade do francês Jean Castel, tornou muito dura a disputa pelos clientes que gostam e podem frequentar os lugares da moda. Agora são três as boates que, por serem mais sofisticadas, conferem até status a quem as frequenta: além do Castel, o clube Regine's, da também francesa Régine Choukroun, e o Hippopotamus, do brasileiro Ricardo Amaral, empresário de sucesso no ramo que já expandiu seus negócios até Paris, onde mantém o Le 78. No Rio, segundo os entendidos, há lugar para os três, mas como o que está por dentro hoje está out (por fora) amanhã, o segredo do negócio é a propaganda. A casa deve estar sempre em evidência para atrair os consumidores. O Regine's e o Hippo, com pequenas diferenças de imagem, têm um esquema infalível, bem ao gosto dos cariocas, mesmo os que têm grana: promovem, com a frequência que lhes interessa, o BLT (bocalivre-total), convidando artistas, personalidades, colunáveis, preparando festas exóticas (numa

delas, Régine entrou na boate num trono carregado por anões com o corpo pintado), animadas por figurantes contratados (rapazes e moças), geralmente com pouca roupa e que se misturam aos convidados elevando a temperatura ambiente. As celebridades, e os jornalistas que aderem ao BLT, levam a imprensa, dão cobertura às "noites memoráveis", promovem o clube, que, nos dias seguintes, fatura à vontade. O Regine's, por exemplo, até há pouco tempo oferecia todo domingo um jantar com pratos frios e gratuitos a uma selecionada lista de convivas, todos eles capazes de, com suas presenças ou com notinhas nas colunas sociais, agradecerem a comida farta e a bebida importada. Jean Castel, que chegou por último, está disposto a manter outra filosofia, e por isso muitos temem por sua sorte. Ele não gosta do BLT e prefere que sua casa seja mantida "por dois ou três casais que gastam", do que por centenas de colunáveis que deixam o talão de cheques na gaveta. Na noite do Ano Novo, apenas 30 pessoas se requebravam na pista do Chez Castel, en-

tre elas o milionário Baby Monteiro de Carvalho, o empresário José Carlos Nogueira Diniz e o ex-ministro do Planejamento, Reis Velloso, agora presidente do grupo Veplan. O Hippo, que atualmente atrai um público mais jovem que seus concorrentes, mostrou que se deve pôr restaurante ao lado da boate, porque comida é bom faturamento. O Regine's, que só servia um prato de macarrão de madrugada, vai seguir o exemplo. Peça importante na máquina desse tipo de boate são as pessoas que são colocadas à frente do negócio. Danuza Leão, a relações públicas mais cotada do momento, era do Regine's, passou pro Hippo por um salário não inferior a Cr\$ 500 mil, dando sua vaga a Claude Amaral Peixoto. Não satisfeita, Régine contratou Marcelo Figueiredo, sobrinho do presidente da República, como seu executivo. Alegre como o tio, ele tem mostrado que sua linha será a do BLT. Mais austero, Castel trouxe como gerente o paulista Dercy Ribeiro do Prado. Seu lema pode ser "menos festas e mais dinheiro no caixa".



Na foto só tem BLT



Ela anima mesmo



A juventude dourada do Hippo



Foi a noite do Circo Louco



Régine, anões e enjo na Festa Romana



Elas são dançarinas contratadas por Régine para animar



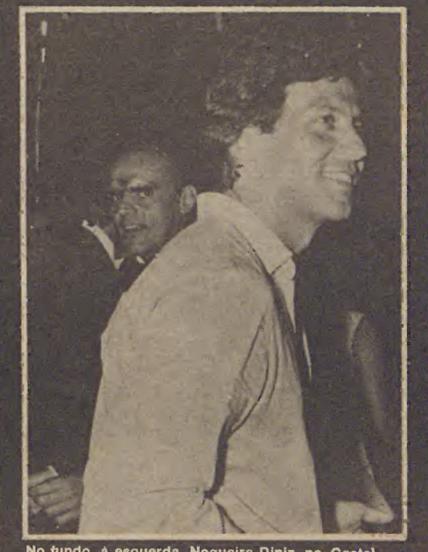
Reis Velloso e senhora no Castel



Régine e o banqueiro de bicho Castor de Andrade



O deputado federal Miro Teixeira na pista do Hippo



No fundo, à esquerda, Nogueira Diniz, no Castel

Boca do Lixo é campeã de doença venérea

10 casos de gonorréia por dia na mais famosa zona de S. Paulo

A Boca do Lixo de São Paulo é a campeã de doenças venéreas da cidade. Não é preciso nenhuma estatística pra apontar isso, mesmo porque estatísticas não existem. Basta verificar a olho nu.

O movimento começa às 9 da manhã. Mulheres de todas as idades — algumas de até 60 anos — ocupam as esquinas e os bares das ruas próximas à Rodoviária. Não são bonitas nem gostosas, mas também cobram pouco: Cr\$ 100.

Nos bares, o sistema é de ficha. O freguês se dirige à caixa registradora, paga e recebe um ticket que apresenta à mulher. Bem, nem todas são mulheres: os travestis já chegaram também aí, se bem que não tenham nada dos caras travestis das imediações do Hilton Hotel.

Zuleika — barba mal aparada, nenhum seio, braços musculosos — circula na rua dos Andradas carregando uma queixa constante:

— Por mim eu cobrava Cr\$ 500, mas esse povo é mais morto de fome do que eu.

O povo dele é o migrante que chega. O peão de obra. O boy. Por isso não dá pra pedir mais de Cr\$ 100 e levar o candidato para um quarto de um prédio velho, sem água na torneira.

O drama é a água. Não existe. Não só no prédio de Zuleika; todos os prédios são assim. Uma mulher — geralmente gorda — sentada na porta, vigia os quatinhos às vezes subdivididos por uma cortina. Nenhum asseio. Quase sempre as mulheres se lavam numa bacia de águas turvas e partem pro próximo.

Quem ganha com isso são os farmacêuticos. Na farmácia Gusmões, rua do mesmo nome, o dono fornece alguns números:

— Só aqui aparecem uns dez casos de gonorréia por dia.

Pra se curar, o doente gasta uns Cr\$ 600.

— Mas a culpa é dos homens — garante Raul, o dono. — Eles é que trazem as doenças.

Outro farmacêutico da rua completa a estatística de Raul:

— Peão de obra, por exemplo, de cada três um já vem do Nordeste com uma

gonô mal curada — afirma com a experiência de quem atende na zona há 20 anos.

As prostitutas mais velhas lembram com saudades dos tempos do ex-governador Adhemar de Barros:

— A zona era mais organizada.

— Tinha tabuleta na porta proibindo entrada de menor.

— Havia médico fazendo exames constantes na gente.

Elas acham que a situação piorou de 1964 pra cá:

— Daí pra frente quem aparece por aqui é só a polícia.

Nenhum secretário de Saúde jamais foi visto na área. Nem funcionários menos graduados. E eles poderiam ver cenas chocantes, como a de um prédio semi-abandonado da rua General Osório, onde várias prostitutas se utilizam da mesma bacia e do mesmo latão de água pra se lavarem.

As mulheres — temendo assustar a freguesia — nunca mencionam as condições higiênicas. Pra elas está tudo bem. A única inovação dos últimos anos é a caixa registradora:

— Tem gente que reclama — diz Marlene. — Alguns até desistem de trepar por causa dessa máquina. Mas se não fosse assim eu ia pra falência. A gente levava muito cano.

A despreocupação das mulheres com as doenças é a mesma dos departamentos de saúde da Prefeitura. Existem na cidade apenas três postos que atendem doenças venéreas. Simplesmente atendem. Não existe nenhum plano de controle e erradicação, apesar de muitas vezes aparecerem nos jornais entrevistas de médicos contando que o problema vem aumentando. No Hospital das Clínicas, há 61 anos funciona a Liga Contra Sífilis e Doenças Venéreas, fundada pelos médicos-estudantes do hospital. Ana Maria Kondo, atual presidente, revela que a Liga pode fazer muito pouco:

— Promovemos palestras em escolas, igrejas, mas não temos condições de fazer um trabalho de campo.

Estatísticas a Liga não possui. A não ser as suas próprias: em cada plantão aparecem 12 novos pacientes. Ana Maria também não sabe de nenhum plano do governo para acabar com essas doenças:

— Se existe algum plano eficiente de controle e profilaxia da sífilis em São Paulo, eu desconheço.

Ulisses Tavares



BEIJOS E ABRAÇOS MELHORAM A CABEÇA

A DANÇA DO AMOR

A biodança é um tratamento pelo qual, através de toques no corpo dos parceiros, as pessoas exercitam a sensibilidade e reaprendem a relaxar.

Na praia de Fortaleza, Ceará, uma estranha dança provocou reações agressivas nas pessoas que olhavam: sobre a areia, homens e mulheres ensaiavam passos harmoniosos, ao mesmo tempo em que se abraçavam.

— Pega, lincha! — eram os gritos da rua.

— Sem-vergonhas!

Era a primeira vez que a biodança aparecia em público, nos quatro anos em que existe no Brasil. Foi criada e trazida pra cá por um psiquiatra e antropólogo chileno, Roland Toro.

— A biodança é uma técnica de contato — explica ele — usando a música, a dança e movimentos capazes de ajudar o indivíduo a superar o bloqueio do toque.

Pra explicar de maneira bem simples, é isso: as pessoas entram numa sala, tiram os sapatos e começam a dançar, brincar, imitar animais, se acariciar, se tocar.

— Essa ternura que surge do contato é a verdadeira solidariedade — diz Toro.

Dez mil brasileiros já tiveram essa experiência com Toro. Gente de todas as classes, doentes e sãos. Ele deu aulas para leprosos no Hospital Souza Aguiar, no Rio; para cegos, no Instituto Padre Chico, em São Paulo; para executivos, em Serra Negra; para crianças excepcionais, operários, epiléticos.

— A biodança não é uma panacéia — avisa Toro.

Mas a verdade é que as pessoas sofrem transformações depois da biodança. Um executivo, diretor de uma indústria de autopeças, conta o que sentiu depois de uma semana de aulas:

— Antes de fazer biodança eu via a greve do ABC como uma chateação. Isso porque eu só via números, percentuais e produção, onde na verdade existem pessoas com as mesmas necessidades, fi-



As pessoas dançam, brincam, se tocam. É a biodança

lhos e vontade de progredir como eu. Confesso que isso me deixou em conflito, mas sinto que precisava dessa sacudidela.

— A biodança se propõe a dar a cada indivíduo condições de sentir seu próprio corpo, o corpo do próximo e, mais adiante, o corpo da natureza — explica Toro.

Ele não acha que isso vai resolver todos os problemas do mundo, não é uma tábua de salvação, é apenas “uma possibilidade de deter, através da afetividade e da fraternidade, a onda de destrutividade recíproca”. E de destrutividade ele entende bem, pois esteve no Chile quando, em 1973, o presidente Allende foi assassinado e grande parte da população foi aprisionada e torturada no Estádio Nacional.

— A patologia do ego é que é o grande inimigo. É ela que leva a mulher a querer um casaco de peles, por exemplo. É ela também que explica a tristeza de uma Suécia, onde há grande liberdade sexual, mas cada um está empenhado em conseguir seu orgasmo, sua sensação. Há relação sexual, mas não relação humana de afeto.

Dá pra imaginar que uma pessoa como Toro, que fala tão difícil, é um embromador que apro-

veita de conhecimentos pra faturar uma grana. Por isso é bom saber que o dinheiro é o menos importante em seus cursos: 70% de suas aulas são gratuitas. E, em vez de esperar alunos em seu estúdio de São Paulo, ele se desloca pela cidade e pelo país levando a biodança até as pessoas. Seu plano mais ambicioso é fazer uma aula no Maracanã:

— Não é loucura pensar nisso. Só precisaria de algumas centenas de professores para dirigirem 100 mil pessoas.

Mas a biodança não é só espetáculo, nem divertimento. Através do toque existe a possibilidade de melhora até em crianças excepcionais. Melhora verificada em testes:

— Em seis meses, crianças deficientes conseguiram um avanço de até dois anos — revela Toro.

O mesmo já aconteceu com cegos que, após a biodança, adquiriram mais segurança. E com machões empedernidos, que conseguiram abraçar sem preconceito outro homem. E com garotas fúteis, que acabaram se engajando em lutas sociais.

Ulisses Tavares

Longe do centro de São Paulo, onde mora a maior parte da população, a despreocupação da mocidade acaba mais cedo pela necessidade de trabalhar, a impossibilidade de estudar e o hábito de conviver com a violência. Aqui, o depoimento e as experiências de nove adolescentes entre 15 e 20 anos.

FALAM OS JOVENS DA PERIFERIA

Reportagem de Teresa Moreira

Aos 16 anos, uma menina rica ou de classe média está preocupada com namorados, estudos, viagens e lazer (ir ao cinema ou à discoteca, comprar um par de patins, etc). Mas para uma boa parte das meninas de São Paulo que moram nos bairros da periferia (a 20, 30 quilômetros do centro da cidade) a vida é muito diferente. Cleide, de 16 anos, trabalha duro. Desde os 11 anos saiu da escola:

— Meu pai tirou, pra eu poder trabalhar.

Moradora da favela de São Remo, Zona Sul, ela foi trabalhar como doméstica e teve uma experiência dolorosa: o filho do patrão deu em cima dela e acabou agarrando-a:

— Um menino de 18 anos, olhava pra mim, me perseguia. Falava pra eu dar pra ele. Um dia me pegou no banheiro, chupou meu peito e passou a mão em mim. Fiquei com raiva, com vergonha, depois gostei. Mas sai de lá e nunca mais voltei.

Trabalhando agora em outra casa de família ela diz que lá não se diverte:

— Não dá tempo nem de conversar. Minha vida lá é só trabalho.

Virgindade, que para as meninas de 16 anos da classe média é algo que não preocupa, para Cleide deve ser levada a sério. Ela acha que se não for virgem vai ser mais difícil arranjar um marido:

— Alguém que sustente a casa e me deixe cuidando da casa e dos filhos, sem trabalhar fora.

Nos fins-de-semana Cleide dá umas voltas com os amigos, vai a parques de diversões e padarias e às vezes faz coisas um pouco mais ousadas:

— Vou pro escuro com um amigo de que gosto mais dar uns beljos e passar a mão. Nada sério.

Quanto ao futuro, Cleide quer ser "mais livre", já que seus pais, que são crentes, a vigiam muito. Apenas uma coisa a preocupa:

— Tenho medo de ficar louca.



Givaldo foi preso, apanhou, é ladrão

Para os meninos da periferia a barra também é pesada. Óculos escuros, voz grossa, cara séria, Givaldo, de 15 anos, mora sozinho num barraco de Rio Pequeno. Figura respeitada nas redondezas, ele diz que para viver "faz mil tretas".

— Furto, dou uns rolês pelo centrão da cidade, curto uma com meus camaradas.

Givaldo foi preso aos 13 anos e aí começou a pensar "numa batalha diferente":

— Eu vinha voltando pra casa, à noite, depois do trabalho. Tava perto de um carro roubado, sem saber de nada, quando a polícia me pegou. Tomei cana sem dever nada e fui parar no Juizado. Na Febem (Fundação do Bem-Estar do Menor) o pau é grande. Fiquei invocado e agora sou trombada.

Ele já caiu na mão da polícia duas vezes, por roubos leves, e diz que fazer acordo é fácil:

— A gente entra na política deles. Reparte a grana e sai numa boa.

Os planos de Givaldo incluem deixar essa vida quando crescer:

— Quando ficar maior, vou arranjar um trampo leve, como mecânico ou coisa desse tipo. Trabalho duro eu dispenso.

E casamento, formar família?

— Casamento, só depois dos 30.



José desistiu de contar assaltos

O problema das drogas é uma preocupação, em especial das mães. Numa reunião com o professor Paulo Freire, que criou há alguns anos um método revolucionário de alfabetização, as mães de Santo Amaro levantaram a questão do que fazer com os filhos que fumam maconha. A resposta foi que elas deviam dar amor aos filhos e não considerá-los criminosos por fumarem maconha. De maneira geral, a vigilância das mães e dos pais é muito mais rígida sobre as filhas do que sobre os meninos. "Minha vida sempre foi de casa para o trabalho, do trabalho para casa. E meu pai sempre controlando se eu chego um pouco mais tarde", diz Kelly, de 20 anos. Seu pai não a deixa sequer ir ao cinema: "Ele diz que lá dentro é muito escuro". Para fugir desse cerco, as meninas do bairro de São Domingos, região Oeste, bolaram uma solução diferente: fundaram um grupo de teatro. Isaura, Lindaura, algumas primas e vizinhas são as responsáveis pelo funcionamento do teatro, num sobrado azul. Sábados à tarde junta muita gente para ver os espetáculos. Cada jovem conta sua história, e a partir daí a peça se desenvolve. A noite na periferia de São Paulo envolve muitos perigos. José, de 19 anos, do Jardim Santo Antônio, região Oeste, diz que já perdeu a conta de quantas vezes foi assaltado: "Eu tinha que ter uma fábrica de relógio. A violência tá uma coisa louca". Raimundo, 18 anos, colega de trabalho de José, diz que na favela onde mora, em Vila Dalva, a barra é parecida: "Já fui assaltado várias vezes e acredito que os marginais partem pra violência como aventura, mesmo sem precisar assaltar pra viver. Fazem isso pelo prazer da agressão". Ozéias, de 16 anos, trabalha numa lanchonete da Cidade Universitária e mora na favela do lado. Também ele tem problemas: "Faz um mês que trabalho aqui e já me acostumei com esse ritmo. O único problema é voltar pra casa por esse caminho ali atrás, que é escuro. Uma vez me pegaram e só não morri porque reconheceram que eu morava na favela".



Sexo e drogas ainda são tabus

Na periferia de São Paulo, o apelo à marginalidade em que Givaldo acabou envolvido é muito forte. Por isso, muitas mães gostam quando seus filhos entram num grupo da Pastoral da Juventude, que funciona em muitas paróquias. No Jardim Elba, divisa de São Paulo com Santo André, a pastoral é formada por 20 jovens, de 13 a 21 anos. Um garoto de 16 anos conta o que fazia antes de entrar para a Pastoral:

— Eu vivia no bar, fumando e bebendo. Só gostava de bater bola, era zueiro. A Pastoral me ajudou a descobrir os outros, a deixar de ser alienado, a me preocupar com os problemas do bairro.

Mas alguns, como Neide (20 anos), acham a Pastoral da Juventude pouco aberta:

— Aqui no grupo só são discutidos problemas sociais. Com isso cortaram muitas etapas do nosso desenvolvimento. Quando o grupo surgiu, há 7 anos, a gente debatía vários assuntos, inclusive sexo. Mas isso foi sendo barrado por gente de fora do grupo. Quando se fala de sexo, as pessoas saem da sala ou dão risadinhas.

Doroty, de 18 anos, tem outras críticas ao grupo:

— Uma vez a polícia metralhou uns meninos drogados bem perto daqui. A gente sentiu necessidade de discutir o problema do vício e da violência porque teve gente que apoiou a polícia, dizendo que viciado tem que morrer mesmo. Mas não conseguimos nada.



Delfim mente pra ter crédito externo

Um alto funcionário do governo federal revelou, recentemente, em conversa com economistas de oposição, que o ministro do Planejamento, Delfim Netto, manipulou as reservas cambiais para enganar os banqueiros internacionais. As reservas cambiais são dólares, marcos, libras e outras moedas estrangeiras que o Brasil armazena para cobrir rombos que surjam no seu balanço de pagamentos, que registra as transações de um país com o exterior. Oficialmente o governo anunciou que o Brasil fechou 1980 com US\$ 6,9 bilhões de reservas. Na verdade, as reservas não passariam de US\$ 5,9 bilhões — US\$ 1 bilhão a menos do que o divulgado.

Como foi feita a manipulação? Segundo o funcionário, e representantes no Brasil dos banqueiros internacionais, Delfim (e sua turma) colocou nas reservas linhas de crédito que até então dela não faziam parte. Essas linhas de crédito são os pré-financiamentos às exportações com prazo inferior a um ano. Ai é que a porca torce o rabo. O Fundo Monetário Internacional (FMI) não aceita que dólares que estejam num país há menos de um ano entrem nas reservas. A razão é simples: esses dólares podem estar sendo usados apenas para atividades especulativas e acabam não indo para as reservas. Ao colocar os pré-financiamentos às exportações nas reservas, Delfim desrespeitou as normas do FMI, que são aceitas internacionalmente.

Essa manipulação não foi, é claro, feita por acaso. Um país, para manter sua credibilidade internacional e conse-

guir empréstimos junto aos banqueiros, tem que possuir reservas cambiais que cubram pelo menos três meses de importações. Ora, as importações brasileiras devem chegar no ano que vem a pelo menos US\$ 25 bilhões. Isso significa que vamos gastar, mensalmente, cerca de US\$ 2,1 bilhões com compras lá fora. Multiplicando por 3, temos US\$ 6,3 bilhões. Com reservas (verdadeiras) de apenas US\$ 5,9 bilhões, o Brasil não teria o suficiente para garantir 3 meses de importações. A solução, de acordo com a denúncia do alto funcionário do governo, foi manipular e chutar as reservas para US\$ 6,9 bilhões.

Essa jogada está, porém, custando caro a Delfim. Sua credibilidade junto aos banqueiros internacionais, que já era pequena, foi ao fundo do poço. Esse alto funcionário do governo acredita, inclusive, que se o Brasil tiver que negociar empréstimos com o Fundo Monetário Internacional, o atual ministro do Planejamento terá que ser afastado do cargo, pois o FMI não aceitaria conversar com alguém tão desmoralizado quanto Delfim. Para seu lugar poderia ir o ex-ministro do Planejamento, Roberto Campos, ou então o banqueiro paulista Olavo Setubal, membro do Partido Popular (PP). Aliás, comenta-se que Delfim só não caiu até agora porque o governo não encontrou quem aceitasse o cargo. Roberto Campos já teria sido inclusive convidado, e recusou-se a pegar a batata quente. Mas, se a situação apertar, ele deve ser chamado de novo pelo Planalto.

Ricardo Bueno



Barracas de carne dos abatedouros clandestinos na feira de Olinda



Fotos Xirumba

MATADOUROS ILEGAIS ABASTECEM RECIFE

Cerca de 8 toneladas de carne bovina e 6 de carne de porco abatidas clandestinamente são vendidas por dia no Recife. O Ministério da Saúde acredita que 60% da carne que o recifense come hoje não passam por fiscalização, não paga os impostos devidos, nem está em condições higiênicas para ser usada como alimento.

O problema atinge os três grandes matadouros industriais que até o ano passado abasteciam não só o Estado de Pernambuco, mas também a Paraíba. Segundo João Padilha, diretor do maior deles, o Marajó, autoridades graduadas estão envolvidas no comércio clandestino de carne. Ele diz estar juntando documentos para provar que algumas dessas autoridades "recebem comissão dos matadouros ilegais para facilitar as transações".

Em janeiro foi preso em flagrante, quando colocava dois traseiros de boi na mala de seu Chevrolet, Galego Napoleão, ou José Gomes da Silva, dono do maior abatedouro clandestino, com sede no bairro de Camaragibe. O fiscal do Dipoa, divisão de fiscalização de abates do Ministério da Agricultura, levou-o à delegacia para formalizar a prisão. No dia seguinte o fiscal soube que o delegado não lavrara o flagrante e ainda liberara a mercadoria apreendida (a carne que estava no carro, mais 12 bois, cinco carimbos e talões de notas fiscais.) Os fiscais dizem que o delegado foi comprado por Cr\$ 60 mil.

Eles revelam ainda que três funcionários do Dipoa, demitidos por corrupção, estão trabalhando para matadouros ilegais, "ensinando todos os macetes para driblar a fiscalização". Eles falsificam carimbos, notas de inspeção e notas fiscais.

A sonegação dos impostos envolvidos nessas operações é fabulosa. Para se ter idéia, uma compra legal de boi deixa no local de origem Cr\$ 3.600,00 de Imposto sobre Circulação de Mercadorias (ICM) por cabeça, mais Cr\$ 1.600,00 para o Estado onde ele é abatido, além da taxa de Cr\$ 850,00

do Funrural e dos Cr\$ 750,00 do PIS. O Estado — e os contribuintes — perde, portanto, cerca de Cr\$ 6.800,00 em cada cabeça de gado abatida clandestinamente.

A saúde da população também é afetada. No Recife, os matadouros industriais, que atuam legalmente, produzem apenas para o Inamps, hospitais públicos e particulares, refeitórios industriais, polícia militar, universidades, dois supermercados e algumas repartições estaduais. A carne das feiras, e principalmente do mercado popular, o São José, é clandestina. Os animais são mortos em cima de folhas de bananeira e lavados nos riachos ou com água de poço, sem qualquer higiene. O abate é feito às pressas, de madrugada, para que a carne chegue à cidade antes do amanhecer, quando a fiscalização é maior.

Os "traficantes" de boi são homens ricos e formam uma pequena máfia que emprega muita gente. Violentos e temidos, eles juram de morte quem os entregar à fiscalização e, por isso, ninguém "sabe de nada" quando é indagado por repórteres e se esconde quando chegam os fiscais. Já houve até troca de tiros entre o pessoal dos abatedouros e os PMs que sempre acompanham os funcionários do Dipoa. Certa vez, o carro que conduzia os fiscais do Ministério da Agricultura que tinham ido ao município de Tapera foi bastante danificado: os quatro pneus foram furados e os fios da ignição do motor arrancados. Os fiscais não tinham lavrado nenhum flagrante, mas tiveram que voltar de corona pro Recife.

Na hora da matança os chefões nunca estão presentes. Eles circulam entre os barracões e cada um domina uma área. Os principais estão nos bairros de Cavaleiro, Camaragibe, Araçoiaba, Iputinga, Cajueiro Seco, Barra do Jangada e Igarassu.

Enquanto isso, há crise nos matadouros legalizados: João Padilha, diretor do Marajó, afirma que foi obrigado a demitir 400 de seus 600 funcionários.

Beth Salgueiro



Nosso leite tem urina, formol e água oxigenada

O leite que o brasileiro toma tem, além de água em grande quantidade, urina, formol, cloro e água oxigenada. Quando uma partida de leite com más condições de higiene é descoberta, vai para a indústria de sabão. Quem diz isso é o médico sanitarista Aroldo Quevedo, chefe da Seção de Leite e Derivados do Serviço de Inspeção de Produção Animal, órgão do Ministério da Agricultura. Mas como a fiscalização é falha, em geral quem acaba ingerindo essa porcaria é mesmo o consumidor. As condições higiênicas de fabricação do leite são deploráveis. Pelas formas que disciplinam a ordenha, o produtor deveria realizá-la em local coberto e acimentado, longe de excrementos. A área teria que ser lavada duas vezes

por dia e as vacas tratadas cuidadosamente para evitar brucelose ou tuberculose. Mas a maioria dos produtores não obedece a essas regras. Além disso, o leite não chega nos horários estabelecidos às portas das usinas e o transporte é feito em charretes e burros, em vasilhames sujos, e o produto nem ao menos é coado. As usinas também fazem das suas. Durante seis anos o consumidor foi enganado por elas, com a convicção do governo federal. Qualquer leite com teor de gordura abaixo de 3,2% é considerado água. O leite C vendido no Brasil tinha apenas 2% de gordura. Para chegar aos 3,2% de gordura o leite C no ano passado virou especial, subiu cerca de 100% de preço e transformou-se em leite especial. A promessa do governo é de que, com o

aumento, o consumidor passaria a contar com um produto de melhor qualidade. Mas como a fiscalização sobre os produtores é quase nula, as condições de higiene pouco ou nada mudaram. Algumas famílias de alta renda pensam que podem escapar do mar de urina e de outras porcarias que corrompem o leite comprando o chamado Longa Vida, muito mais caro que todos os outros. Mas para o doutor Quevedo, este é um dos piores tipos de leite: "Em que é melhor? Em nada. Pela temperatura em que foi processado (140 graus), o Longa Vida perde as vitaminas, que foram destruídas. Além disso, leva muitos produtos químicos, entre eles o formol — razão pela qual 30 mil litros foram apreendidos recentemente em Salvador."



Foto Eduardo Homem

Camponeses protestam contra construção da barragem de Itaparica

REVOLTA NO VALE DO SÃO FRANCISCO

Governo provoca enchente para expulsar posseiros

Reportagem de Beth Salgueiro

As enchentes do rio São Francisco, que anualmente desabrigam milhares de pessoas, são provocadas pelo governo que, assim, encontrou a maneira mais prática de afastar a população dos vales ribeirinhos, cujas terras muito ricas são escolhidas para a implantação de grandes projetos agrícolas de exportação.

A denúncia foi feita por 120 líderes sindicais dos cinco Estados banhados pelo rio, e que realizaram, no fim de janeiro, no município de Carnaíba, sertão da Bahia, o 6º Encontro dos Sindicatos do Vale do São Francisco.

— Assim é fácil — diz Anacleto Coimbra, velho camponês de Bom Jesus da Lapa, Bahia, que perdeu quase tudo nas enchentes. Chega aquele mundão de água e o cabloco fica pensando que foi Deus quem mandou, que é a natureza, e sai de sua terra caladinho, sem reclamar. Não sabe ele que os homens podem fechar as comportas e evitar as enchentes. É só querer.

Os velhos camponeses contam que antes das barragens só havia cheia de 30 em 30 anos. O rio ia enchendo devagar, dava tempo de todo mundo se mudar com suas coisas pra outro lugar. Quando as águas baixavam, ficava um barro limoso e rico, que tornava as terras ainda mais férteis. Agora tudo mudou, como conta Silvestre Aprígio da Silva, de Glória, Bahia:

— Quando a gente dá fé, a água já tá aqui. É rápido, não dá tempo nem de piscar o olho. É uma água limpa, que vem com tanta força que cava sulcos no leito do rio. A margem fica assim como uma duna de areia. Então aquela terra só vai servir pra plantar daqui a uns seis meses ou um ano. Nunca mais que a gente teve safra de melão e melancia em ju-

nho, porque a cheia sempre acontece em fevereiro.

Depois de 78, quando foi inaugurada a barragem de Sobradinho e houve a primeira grande enchente, começaram também, coincidentemente, a serem implantados os grandes projetos do governo federal. Na parte mineira do rio, especialmente em Pirapora, Januária e Manga, existem grandes grupos nacionais e multinacionais explorando o reflorestamento para a produção de carvão, que vai alimentar as indústrias siderúrgicas. Tem muito japonês nessa área.

— Ali eles plantam eucalipto nas terras de cultura. O que significa que nunca mais vai se poder plantar outra coisa ali. Só eucalipto. O abastecimento da população, que antes era feito pelas pequenas roças da margem do rio, agora é feito pela Central de Abastecimento de Belo Horizonte. Compra-se legumes caros e estragados, denuncia João Ferreira de Carvalho, presidente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Pirapora.

Da Bahia até Pernambuco, Alagoas e Sergipe podem ser encontrados os projetos de irrigação da Companhia de Desenvolvimento do Vale do São Francisco (Codevasf), para a criação de grandes plantações de algodão, cana-de-açúcar, mandioca (Programa Nacional do Alcool), melão e frutas finas, para exportação. Todas essas áreas eram antes ocupadas com plantações de feijão, legumes, comida para a população.

Quem vivia nas terras, os verdadeiros donos, foram afastados para agrovilas a 700 quilômetros do rio. Na construção da barragem de Sobradinho, 72 mil pessoas perderam suas terras. Outras 50 mil foram afastadas pela

Codevasf, com indenizações irrisórias.

Muita gente foi embora para São Paulo. Quem quis ficar nas agrovilas, longe da pesca no rio, para sobreviver precisa trabalhar como bóia-fria, os homens ganhando Cr\$ 550,00 por semana e as mulheres Cr\$ 250,00.

— Quem tem uma casa, mesmo de agrovila, que seja decente, é porque teve sorte. Em Porto das Folhas, Sergipe, fizeram umas casas tão pequenas que não cabia uma família inteira. O pessoal não aceitou e vive em casas de papelão, na beira das estradas. (João de Moura, do Sindicato dos Trabalhadores Rurais de Propriá, Sergipe.)

Ninguém sabe para onde foram os milhões destinados pelo governo para amparar os desabrigados nas enchentes. Em Pernambuco o caso foi mais grave: o governo do Estado recebeu 500 mil marcos do governo alemão para construção de casas nos municípios de Petrolina, Juazeiro e Santa Maria da Boa Vista. Passados dois anos o dinheiro sumiu e não existe nenhuma casa. Uma observadora do governo alemão veio ver em dezembro como estavam as obras. Soube que o dinheiro tinha sido entregue ao Prodecor (Programa de Desenvolvimento de Comunidades Rurais, do Ministério da Agricultura), e que ainda não tinha chegado à área atingida. Pediu então prestações de contas à Prodecor, através de sua embaixada em Brasília, e até agora não obteve resposta.

Há corrupções ainda maiores, como a denúncia de que os diques, que atualmente protegem as cidades das enchentes, são construídos sem concorrência pública por uma companhia de nome Cowan Rodoférrea, cujo maior acionista seria o ministro Mário Andreazza.

INAMPS ESCONDE, SINDICATO ACUSA:

Acidente de trabalho mata 4.500 operários

Recentemente três metalúrgicos que trabalhavam em fábricas da Zona Oeste da cidade de São Paulo morreram devido a acidentes de trabalho. Outro fraturou a espinha e vai ficar paraplético para sempre. Tragédias como essas são comuns no Brasil. A última estatística do Inamps, de 1977, aponta a ocorrência de 1,6 milhão de acidentes, de que resultaram nada menos que 4.500 mortes. Os dados são tão escandalosos que, há 3 anos, eles sumiram de circulação. Apesar de sua gravidade, eles ainda subestimam a realidade, pois acidentes considerados menores, como cortes de dedo e escoriações, não são registrados. Amável Barroca, diretor do Sindicato dos Metalúrgicos de São Paulo, conhece de perto os acidentes que acontecem na Zona Oeste, que conta com 40 mil metalúrgicos espalhados por 650 fábricas. Ele diz que, há poucos dias, o carpinteiro Alexandre Lombardo fraturou a espinha. Uma pilha de madeira desabou sobre ele. A empresa, como sempre, procurou jogar a culpa do acidente sobre o trabalhador. Mas, pouco antes do acidente, Alexandre denunciara no jornal do sindicato o empilhamento irregular de madeira na metalúrgica Voith. Gedion Rodrigues Santana e Francisco

Carlos Belko morreram. Consertavam uma máquina perto do laboratório de testes e ela explodiu. O ar estava carregado de material inflamável e as janelas fechadas. "Uma fagulha lançada da máquina em conserto seria suficiente para detonar o ambiente de gases concentrados", explica Amável Barroca. O supervisor de segurança chegou a insinuar que a culpa foi de Gideon, que estaria fumando. Mas Amável duvida: "O Gideon era muito experiente, pertencia inclusive à Comissão Interna de Prevenção de Acidentes. Jamais iria fumar num ambiente desses". Dias depois dessas duas mortes, outro metalúrgico faleceu no bairro do Brás. Antônio Calado Muniz foi degolado por uma prensa na metalúrgica Aliperti, no dia 18 de dezembro. Ele trabalhava mais de 12 horas. Ganhava Cr\$ 15 mil e, com as horas extras, chegava a Cr\$ 30 mil. A hipótese mais provável para o acidente é que Antônio tenha subido num cavalete quando a prensa pifou. O cilindro voltou a funcionar, ele se desequilibrou e caiu de cabeça. Foi guilhotinado. O caso está registrado no Boletim de Ocorrências 5657/80, do 8º Distrito.

Antônio Pavone

CANTINHO DA SERESTA

LANCHONETE GEANE LTDA.

Bebidas nacionais e estrangeiras
Serestas sextas, sábados e domingos
Sextas e sábados das 22h às 4h. Domingos das 16h às 22h
Direção de Oliveira e Jane

Av. José Mariano dos Passos, 1169
(Igrejinha) BELFORD ROXO

ATENÇÃO!

N. Iguazu faz torneio de sinuquinha



A comissão organizadora do campeonato de sinuca de botequim, a sinuquinha, de Nova Iguaçu, na Baixada Fluminense, anuncia que o primeiro turno vai começar no dia 8 de fevereiro.

Participam do torneio o Cantinho de São Jorge, do Jardim Esplanada, o 27 de Setembro, o Ponto Certo, de Miguel Couto, o Igrejinha e o Argentina, ambos de Belford Roxo.

No dia 24 de janeiro a comissão elegeu a nova diretoria, presidida pelo Jorge, e que conta ainda com Melões, Alberto, Oliveira, Carlinhos e Waldir.

Os comerciantes Manoel Casa Grande e Raul, da Casa Santa Inês, estão apoiando o campeonato.

PELO TELEX
INTERNACIONAL

A CIA VOLTA A ATACAR

Reagan leva os homens duros do serviço secreto ao poder

A linha dura da CIA - a famigerada Agência Central de Inteligência dos Estados Unidos - está de volta com Ronald Reagan. A começar pelo vice-presidente dos EUA, George Bush, um antigo diretor da CIA, os homens mais importantes da equipe do novo presidente americano estiveram envolvidos na chamada "guerra suja" levada a cabo pela espionagem americana há poucos anos: assassinatos, atentados, suborno ou "acidentes" para acabar com a raça de adversários incômodos.

Relativamente contida durante o governo Carter, devido a investigações realizadas por uma comissão do Senado americano, a CIA agora estará sujeita apenas à fiscalização de seu velho e radical admirador, o senador Barry Goldwater, partidário de utilizar-se "pequenas bombas nucleares" para resolver conflitos regionais que envolvessem interesses americanos. Agora, ele é que preside a Comissão de Relações Exteriores do Senado americano.

Com a certeza de ter campo aberto, a equipe de Reagan anunciou aos quatro ventos que, durante os próximos anos, a CIA voltará a ter "maior liberdade de ação", o que inclui a retomada, com toda a força, de ações clandestinas em outros países. O que são essas ações clandestinas? Além da espionagem disfarçada pelo trabalho de "missionários", "jornalistas" e "pesquisadores", esses também denominados "brazilianists", há o funcionamento de um sistema que permite a interceptação e a escuta de comunicações por telex e por telefone em toda a Europa. No Brasil, não é por acaso que vários "amigos dos Estados Unidos" trabalham em concessionárias de serviços telefônicos.

Mas a ação clandestina vai muito além. Depois de tentar injetar LSD no psiquiatra Daniel Ellsberg, que entregou a jornais documentos provando a montagem de uma rede de mentiras para permitir a intervenção militar americana no Vietnã, a CIA desenvolveu uma pistola de dardos envenenados que matam sem deixar marcas.

Nas horas críticas ninguém se preocupa com aparências. Foi assim com o ex-ditador Diem, que depois de servir fielmente aos americanos no Vietnã foi sumariamente eliminado quando começou a ser visto como "um problema".

As vezes, em casos menos pre-

mentes, são montados "acidentes" para eliminar indesejáveis. Esta é uma das formas de ação da seção de "ajustes de contas", segundo admitiu publicamente Howard Hunt, ex-agente condenado por invadir a sede do partido Democrata em Watergate. Essa seção, por exemplo, eliminou "num país sul-americano" um agente que tentara fazer chantagem por conta própria. Coincidência ou não, mais ou menos na mesma época um funcionário do consulado americano no Rio "suicidou-se por problemas psicológicos", atirando-se pela janela de seu apartamento em Copacabana.

Além disso, a CIA age através do suborno. Temos um exemplo em casa. Em 1962, quando era necessário montar uma oposição contra o então presidente João Goulart, a CIA financiou a campanha de vários candidatos, gastando, segundo o embaixador Lincoln Gordon, algo em torno de 5 milhões de dólares. O suborno foi executado por duas entidades irmãs: o Instituto Brasileiro de Ação Democrática - IBAD - e pelo Instituto de Pesquisas Econômicas e Sociais - IPES - onde pontificavam o hoje chefe da Casa Civil da Presidência da República, general Golbery do Couto e Silva, e o general Antônio Manta. O Congresso brasileiro chegou a realizar uma investigação a respeito, mas todos os documentos são mantidos até hoje em sigilo.

O time que promovia e patrocinava ações desse tipo está agora



saindo de novo da toca. Depois do vice-presidente Bush, os "falcões" estão representados pelo secretário de Estado, general Alexander Haig: foi da cabeça dele que surgiu a idéia de bombardear o Vietnã com napalm, uma substância que adere ao corpo e que queima a carne até o osso. Ele também articulou, junto à multinacional ITT - representada no Brasil pela Standard Elétrica - e com o grupo Rockefeller o golpe que derrubou e assassinou no Chile o presidente Salvador Allende.

Por falar em Rockefeller, ele hoje emprega no Rio Jack Wyant, ex-adido de imprensa da embaixada americana no Rio, que gostava de oferecer viagens internacionais a jornalistas cariocas em troca de apoio à posição americana no Vietnã. Sempre apontado como integrante da CIA, Wyant, que fala português quase com sotaque de Ipanema, é hoje um dos mais prestigiados interlocutores do presidente da Associação Comercial do Rio de Janeiro, Ruy Barreto.

A vitória do Partido Republicano trouxe de volta ao poder o conhecido general Vernon Walters, antigo oficial de ligação do 5º Exército americano com os contingentes da FEB, na campanha da Itália. Famoso por suas ligações com militares brasileiros, ele era o adido militar da embaixada americana quando a CIA articulou a derrubada do governo Goulart. Em estreita articulação com os golpistas, Walters acionou, com o então secretário de Defesa, Robert MacNamara - hoje presidente do Banco Mundial - e com o ex-embaixador Lincoln Gordon a "Operação Brother Sam", enviando para a costa brasileira um porta-aviões, seis contratorpedeiros, um navio para transporte de helicópteros, quatro petroleiros, seis aviões de carga, oito de abastecimento, um de comunicações e um posto de comando aerotransportado, além de 110 toneladas de armas e munições. Tudo para garantir o sucesso do "movimento espontâneo" que derrubou o últi-

mo governo eleito no Brasil.

Pouco antes da vitória de Reagan, Vernon Walters veio ao Brasil "para rever velhos amigos", numa viagem que ele classificou como "meramente sentimental". Em apenas três dias de permanência por aqui o general, que também foi diretor da CIA durante o governo Nixon, conseguiu encontrar-se com autoridades que nunca estão acessíveis a milhões de brasileiros: começou pelo chefe do Serviço Nacional de Informações, general Octavio Aguiar de Medeiros, passando depois pelos generais Reinaldo Mello Almeida, ministro do Superior Tribunal Militar, Brum Negreiros, antigo secretário de Segurança do Rio, Ivan de Souza Mendes, Arnaldo Caldeari e Paulo Campos Paiva. No Rio, esteve também com o general Meira Mattos e foi ciceroneado constantemente pelo marechal Cordeiro de Farias.

Estes fatos dão uma idéia do que o Brasil e o mundo poderão enfrentar nos próximos anos de governo Reagan. Um dos caminhos preferidos, segundo revelou o ex-agente John Stockwell, é o suborno de polícias locais. O agenciamento de jornalistas, que chegou a ser proibido, também voltará: como evidência de que lá também existem leis que "não pegam", o novo chefe da CIA disse há poucos dias que "nenhum americano pode ser privado da oportunidade de servir a seu país".

SPC AJUDA SNI A PRENDER JORNALISTAS E MEP

Quando alguém do departamento de cobrança do Serviço de Proteção ao Crédito (SPC) bater na sua porta, tome cuidado. Ele pode, na verdade, estar recolhendo dados para o Serviço Nacional de Informações (SNI), que o utiliza para suas operações de espionagem. Durante a "distensão política" do general Geisel, esse esquema funcionou para a prisão de jornalistas no Rio, em 1975, para o seqüestro e encarceramento de professores da Universidade Federal Fluminense e Universidade Federal do Rio de Janeiro, e para a prisão de engenheiros, jornalistas e estudantes acusados de pertencerem ao Movimento de Emancipação do Proletariado (MEP), em 1978.

As investigações preliminares para checagem de endereços foram feitas pelo SNI em nome do departamento de cobrança do SPC - uma entidade privada mantida

por contribuições dos comerciantes, em troca das informações que dá sobre a confiabilidade dos compradores. Alguns ex-presos políticos, mesmo depois da anistia, ainda instruem seus familiares para que não dêem qualquer informação, se ela for solicitada por alguém que se diz do SPC.

Além do departamento de cobrança, os computadores do SNI também costumam solicitar muitas informações ao cadastro de informações do SPC. Ele e o departamento de cobrança, dizem orgulhosamente os diretores do Serviço de Proteção ao Crédito, movimentam diariamente 15 mil fichas, fazendo uma atualização constante de endereços e sendo por isso frequentemente consultados por autoridades federais, estaduais e municipais.

No caso da polícia, a delegacia ou vara criminal em questão solici-

ta, através de formulário próprio dirigido ao presidente do órgão a que o SPC estiver ligado (Clube dos Diretores Lojistas ou Associação Comercial), o nome, endereço, filiação, renda, conceito bancário e "notas desabonadoras" do consumidor. De posse desses dados, emite o mandado de prisão. Se o sujeito for encontrado, as informações tanto podem contribuir para sua absolvição como para acrescentar-lhe alguns anos de cadeia. No caso do SNI, além do SPC ele se utiliza das declarações do Imposto de Renda e de suas fichas, da escuta telefônica e do material publicado em jornais. Criado em 1964 pelo general Golbery do Couto e Silva, atual chefe da Casa Civil, ele funciona como os olhos e os ouvidos do regime.

Seu início foi modesto. Ocupava uma sala, do empresário Glycon de Paiva, no 27º andar do edifício Ave-

nida Central, no Rio de Janeiro. Dois anos depois (1966) a organização básica estava montada. Em seus arquivos, localizados na agência central de Brasília, já figuravam o nome de 100 mil pessoas tidas como militantes de partidos de esquerda ou simpatizantes. Em todo o país, 20 mil telefones foram grampeados para que as conversas pudessem ser gravadas.

Atualmente o SNI é uma máquina gigantesca que, além da agência central e das agências estaduais instaladas nas capitais, coordena o trabalho do Centro de Informações do Exército, do Centro de Informações e Segurança da Aeronáutica, do Centro de Informações da Marinha, do Centro de Informações do Ministério das Relações Exteriores e das Divisões de Segurança Interna que funcionam nas autarquias e secretarias de economia mista.

**DEBATE
NA ZONA**

O AMOR É

**ROMANCE E PRAZER,
SÓ QUANDO A GRANA CORRE**

O que pensam do sexo, do amor, do prazer e da própria vida. O que pensam sobre o mercado de trabalho. Foi com essa idéia que quatro jornalistas do REPORTER estiveram durante três horas conversando com cinco personagens que batalham, correm atrás da grana, atraindo fregueses na zona do Mangue, Rio de Janeiro. Um bissexual, uma fanchona, um travesti e duas prostitutas, pagos, naturalmente, contaram um pouco de suas vidas, de suas experiências e frustrações. Não perderam o sentimento, mas dizem que gostam mais do dinheiro do que do amor. Até por uma questão de sobrevivência.

O Mangue está arrasado. Nem só os escombros dão essa idéia. As pessoas cambaleantes, mulheres desdentadas, algumas bonitas, meninas, velhas, ladrões, malucos, rufiões de segunda categoria reforçam a decadência. Mas a zona tem vida. Pelo corredor estreito do sobrado nº 37 da rua Afonso Cavalcante passa um senhor

baixinho, equilibrando uma caixa com dez garrafas térmicas com café. A tampa do poço está meio aberta, vê-se a água azulada. Subimos uma escada. Adilson, barrigudo, de gestos delicados, abre a porta com finura. Entramos. Na sala há tamboretos de plástico, um colorido de peixinhos e flores pelas paredes, onde se destacam os escudos do Vasco, do Flamengo, do Santos, uma toalha da boate Escandinávia, da Praça Mauá, e imagens de santos de umbanda tendo como fundo a figura sorridente do Papa João Paulo II. Mas o que chama a atenção mesmo é um vasto papagaio verde no alto da parede como grande símbolo da casa.

Cauby, dono do bar mais conhecido da zona, é quem apresenta os entrevistados: Jarlene, que se diz "homem sexual"; Cláudia, cara lisa, é o travesti; Sorriso, ou Escopeta, a fanchona; Euzimar, a prostituta atraente; e Rose, que acha tudo uma festa.



O debate foi feito na boate de um travesti amigo de Cauby

Rose só quer marido se ele a sustentar

Rose fugiu da casa do pai, um comerciante de Ilhéus, com 13 anos. Saiu pra comprar carne e está vendendo a dela na zona, desde então. Teve um companheiro por sete anos e o cara dizia que guardava o dinheiro dela na caderneta de poupança. Há um ano o homem se mandou e Rose ficou na mão. Mas nem por isso perdeu o bom-humor e a alegria de viver.

Você ainda dá dinheiro pra homem?

— Não, a gente aprende. Eu agora não quero homem que vive da minha batalha, quero um que me sustente. Se não for assim, prefiro ficar sozinha.

Você acredita no casamento?

— Acredito, porque já vi muitas coiegas casarem. E eu não sou olho grande, não quero homem por causa de dinheiro. Tenho que gostar mesmo.

Como foi seu começo aqui na zona?

— O motorista da Scania em que eu vim de Ilhéus me deixou aqui. Eu cheguei e não entendi nada, não sabia o que estava vendo, pensei que era um desfile, sei lá. Aí fui numa casa e pedi à dona pra me deixar ficar com ela. Ela disse "não pode, você é menor", mas eu insisti e acabei ficando. Então ela me ensinou como devia fazer. Disse que era pra cobrar quinze cruzeiros, cinco pro quarto e dez pra mim. Depois arranjei um cafetão, era um cara da Mari-



Rose: "Eu não quero mais homem que vive da minha batalha"

nha, um homão. Ele aí me proibiu de tomar tóxico, de beber com as meninas nos bares, de beijar na hora de transar. Não podia nem tirar o sutiã.

Como é que você gosta de fazer sexo?

— Olha, eu já fiz de tudo na vida. O que você imaginar eu já fiz. E gosto de tudo. Só não transo roçação com outra mulher. Meu negócio é homem. Quando saio com um homem pra fazer um programa e o cara dá uma e logo quer dormir, eu fico injuriada. Digo logo: "Se for pra dormir eu fico em casa, ô meu."

Por que você acha que uma cidadã precisa ter uma zona?

— Porque tem muita mulher que não sabe ler, não sabe escrever e não consegue emprego em lugar al-

gum. E também aqui é o lugar onde os homens podem fazer todo tipo de sacanagem que eles não fazem com as mulheres deles. Eu mesma tenho um freguês, oficial de Marinha, que vem com um velho. Ele me come e o velho come ele. Tem um outro que traz um pepino e sempre pede pra enfiar nele. Eu só faço isso e ele me dá mil cruzeiros.

Você gosta da zona?

— Olha, aqui a gente aprende de tudo que é bom e de tudo que é ruim. Tem amor, tem briga, confusão, é sempre o maior movimento, parece uma festa, sei lá. E eu tô aqui pra ganhar meu dinheiro e poder andar por aí bem vestida, cheirosa, que ninguém diz que eu sou puta. Mas eu já tenho 30 anos e toda mulher tem que sair daqui um dia.



Sorriso: "Sexo aqui vale até Cr\$ 700"

Sorriso diz que no Mangue tem liberdade

Sorriso é carioca, bem malandrinha. Tem 8 anos de zona e um filho de 14 que vive com a avó. Seu apelido é Escopeta, arma predileta de um amigo seu que, de vez em quando, ela ameaçava pegar pra assustar a rapazlada. Sorriso, na zona, é mulher como outra qualquer, mas ela gosta mesmo é de roçar com outra menina e de uma chupada de cabo a rabo chamada Rio-Niterói.

O que é o sexo pra você?

— Ah, é o maior barato. Eu, quando estou transando, quero ir até de manhã. Eu acho que sou muito tarada. Quando eu era casada e procurava meu marido e ele dizia que estava cansado, eu ficava na maior bronca.

Você transava quando era pequena?

— Claro, no colégio interno. Tinha uma menina que era minha amiga e a gente sempre roçava. Essa eu até encontrei uns dez anos depois, ela casada, com filhos, e a gente voltou a transar.

Você só transa mulher?

— Não, transo homem, também. Mas não me amarro, não. O sexo da mulher dá mais prazer. Eu chego a ficar toda esfolada. Agora, tem homem que traz a mulher pra gente transar em três e também tem muito machão que entra aqui só pra ser roçado.

Você tem prazer com homem?

— Não, só quando eles chupam. E é o que aparece mais hoje em dia.

Você acha que hoje o sexo está mais livre que antigamente?

— Muito mais. Hoje todo mundo transa. Mas aqui na zona o sexo sempre foi mais livre, né.

Você acha o sexo uma coisa instintiva ou a gente aprende?

— Aprende, né. Eu mesmo ensino. Tem freguês que vem me chupar esfregando o nariz, nem sabe onde fica o clitóris. Aí eu digo: não é assim não, faz assim e tá...

Quanto está valendo o sexo na zona?

— Depende do freguês. Vale Cr\$ 200,00, Cr\$ 300,00, até Cr\$ 700,00.

IMPOSSÍVEL

Entrevista de Eduardo Homem
Rivaldo Chinem e Tim Lopes
Fotos de Chiquito Chaves



Cláudia: "Tá difícil pegar freguês como travesti"

Cláudia já foi "boy" e transa todas

Cláudia hoje é travesti. Trabalha no Mangue há mais de três anos. Veio de Araçatuba, São Paulo, da casa da avó, com 15 anos, e andou pelo mundo se virando como boyzinho. Quer dizer, topava qualquer parada em matéria de sexo.

Você, que é bem novinha, como está a transação aqui na zona?

— Hoje está mais difícil pegar homem como travesti. É mais fácil pegar como mulher, embora de vez em quando apareça um cara que gosta de um babado. Mas eu peço como mulher e quando chego no quarto eu engano: boto a *neca* no meio das pernas, escondo, e aí tudo bem. Eu levo a vida assim.

Como você faz pra esconder o pinto?

— Olha, eu peço o homem, ele tá pensando que eu sou mulher. Levo ele pro quarto, que é bem escuro, tiro a roupa, tiro o biquíni e, quando o homem vem pra cima de mim, a *neca* está presa do lado e ele vai nas coxas e nem percebe. Também posso levantar as pernas pra ele transar atrás pensando que é na frente. O cara só percebe se passar a mão por baixo.

Os caras não desconfiam do tamanho dos seus seios?

— Eles às vezes perguntam, mas aí eu digo que sou novinha, né. É interessante, porque os homens que fazem confusão são os falsos ricos, aqueles que vêm aqui quando a mulher tá de regra em casa. Muitas vezes eles transam com as mãos apoiando na cama pra não ter contato de pele com a gente. Têm nojo.

Você gosta de fazer sexo?

— Ah, se um homem entrar

em mim, não precisa mais nada, eu gozo. E se for pra eu entrar nele, eu também gozo.

Você nunca brochou?

— Até hoje, não. Não sei o que é isso.

E pro cliente, é importante que vocês gozem?

— Não, eles não estão nem aí e o meu departamento de gozar é outro.

Então pra você existe o amor?

— Não, o que existe é curtir uma chinfra com um cara que a gente tá a fim, um hoje, outro amanhã.

Você já teve uma transação fixa com alguém?

— Uma vez eu arrumei um cara que me dava toda cobertura, roupa, dinheiro, então eu acostumei com ele. Mas um dia ele me pediu pra entrar nele e aí eu fui embora, porque homem que é homem não dá pra outro.

Você tem freguêses fixos, que te procuram sempre?

— Tenho. Inclusive tive um que era tenente da Marinha. Eu transei com ele quase três meses. Transava com ele como mulher. Aí, um dia, eu disse pra ele que era travesti. Hoje ele passa por mim e nem me olha.

Como você descobriu que era homossexual?

— Eu tinha 13 anos e morava com minha avó em Araçatuba. Lá tinha um menino mais velho, vizinho meu, que eu admirava muito. Tinha assim uma tara por ele. Um dia ele foi na minha casa brincar comigo e minha avó não estava. Aí ele pediu pra eu dar pra ele e eu cedi.

Te causou algum problema ser homossexual?

— Não, a gente entoca, né. Depois minha avó começou a saber, meus parentes também, aí eu saí de lá e fui me virar por aí. Hoje, a única pessoa que me admite na casa dela é minha avó. Meus parentes não querem nem me ver. Mas eu não estou nem ligando pra eles.

Jarlene gosta de gozo com sabor-dinheiro

Jarlene, nascido Carlos, tem muita experiência de prostituição. Em 13 anos de batalha já foi travesti da boate Les Girls, em São Paulo, fez *michê* na Vieira Souto, no Rio, e hoje se defende na *zona* do Mangue e onde tiver um cliente interessado em transar com bicha.

Qual a diferença entre transar por amor e por dinheiro?

— Amor pra mim não existe, é uma ilusão. Amor é coisa daquele tempo de Romeu e Julieta, negócio de jogar trança pela janela. Aqui em primeiro lugar vem o dinheiro, depois vem o gozo com sabor de dinheiro, amor de barriga chela. Eu, se fosse viver de amor, morria de fome.

E aí, se não existe amor, o que é que liga as pessoas?

— Aqui, o que se chama de amor é um relacionamento, como no meu caso, um homossexual que vive com outro pederasta, um ativo, outro passivo. Não tem essa de um ser macho e o outro viado, não; os dois são homossexuais. Então, muito bem, no relacionamento desses dois caras, um mais feminino que o outro, pode haver um gozo diferente, mais forte. Aí vem a demagogia conjugal e diz que isso é amor. Se for amor, é só naquele momento.

Você faz o papel do homem ou da mulher?

— Eu sempre fiz a parte feminina. Aliás, é o meu fraco. Daí, o que me prende ao meu companheiro é o dinheiro que ele me dá. Ele me garante financeiramente, moralmente, fisicamente e sexualmente.

O que você faz pra ele te dar tanta coisa?

— É como se fosse um casal, marido e mulher: lavo, passo, cozinho, espero ele arrumadinho, toda depladinha, cara raspadinha, de biquíni, sutiã, camisolinha, falando mais miagaado, assim, agradando ao macho.

E o teu marido, na cama, sempre faz o papel do homem? Nunca inverte?

— Não, ele é sempre o macho e eu sou sempre a *lady*. Nesse tipo de transação é assim. Agora, na batalha, quando eu vou garantir o meu *cachê*, o freguês me usa naquilo que ele tem vontade.



Jarlene: "Se fosse viver de amor, morria de fome"

Tem muita gente tarada na zona?

— Não, aqui não. Tara a gente encontra é na Zona Sul, lugar de *michê* classe A. No Les Girls, em São Paulo, por exemplo, eu encontrava muito tarado, gente que pedia pra bater de chicote, amarrar, enfiar cada tipo de consolo que você nem acredita. Mas aqui na *zona* não dá nem tempo, a trepada é muito rápida. Muitas vezes o freguês não chega nem a gozar.

Você é um homossexual assumido?

— Não vou dizer que sou assumido porque eu não vou na casa dos meus pais pedir a bênção como homossexual. Em alguns ambientes continuo com vergonha de assumir minha condição homossexual, como todo mundo tem vergonha. Você vai sair com uma plaquinha pendurada dizendo "gosto de babado forte?"

Como foi que você descobriu seu gosto sexual?

— Eu tinha 17 anos e estudava agronomia em Jaboticabal, mas aquilo não me satisfazia. Então um dia, até era dia das mães, eu fugi com dois amigos e fui pra São Paulo. Lá arrumei um emprego e fui morar num edifício onde também morava um *boxeur*, que sempre conversava comigo, ficava me esperando no elevador. Uma vez ele me convidou pra ir no Paulistano, eu fui, e na volta acabamos no apartamento dele pra papear e tomar uns drinques. Conversa vai, conversa vem, pintaram uns papos diferentes, daí uns beijinhos, carícias e a gente acabou transando.

Você já tinha trepado com mulher?

— Não, nunca, eu era zero quilômetro. E minha primeira experiência sexual não foi boa. Eu nunca me realizei com o *boxeur*, embora ele se realizasse comigo. Então aquilo mexia comigo, eu achava que não estava certo, tinha vergonha de ser viado, me achava um cara anormal.

Você já sofreu alguma agressão forte por conta de ser homossexual?

— Já faz uns anos, foi quase uma curra. Eu resolvi ir na praia do Flamengo de biquíni e sutiã, e fui. Nem tava jogando pluma nem nada; tava na minha, desfilando na areia. De repente começou uma gritaria e foi tanto homem em cima de mim, tanta mulher dizendo pega, mata, estola. Tiraram biquíni, tiraram sutiã, foi horrível, não tinha nada embaixo, né, só uns pedacinhos de papel pra encher um pouquinho.

Você sabe da existência dos movimentos homossexuais que brigam contra o preconceito?

— Sei que existe e eu uso brinco na orelha, na orelha esquerda, lado do coração que eu estou cheio de amor pra dar.

Aqui na zona as mulheres ficam na bronca de vocês estarem disputando os homens com elas?

— Não, hoje não. Elas aceitam. As pessoas que são retas, são bem queridas. Tanto faz ser travesti, puta, viado. Antigamente é que era fogo: a gente pegava um homem e lá toda dengosa subindo a escada, balançando a bunda, tomando o maior cuidado pra não deixar cair nada. Aí vinha uma mulher e soprava pro cara nas costas da gente: "Esse aí é viado".



Euzimar queria lavar, passar, cozinhar

Euzimar sonha ser pessoa de bem

Euzimar é maranhense, está na *zona* há 4 anos e, ironia, foi pra lá pelas mãos de seu maior amor. Esse homem, depois de viver com ela durante 4 anos e tomar todo seu dinheiro, casou com sua melhor amiga. Euzimar, ao contrário das outras moças, tem um ar triste, parece que vai chorar.

O que você gostaria de ser?

— Eu gostaria de ter meu marido, minha casa e viver pra mim mesma, entende? Lavar, passar, cozinhar.

Quería ser uma pessoa de bem, nunca pensei em levar uma vida dessa.

Então, você acredita no amor?

— Eu acredito. Durante os 4 anos que eu vivi com esse homem, tudo o que eu ganhava eu dava pra ele.

Você acha que a vida conjugal acaba com o tesão?

— Eu acho que não, pra mim não. Quando ele chegava do trabalho cansado e não queria transar, eu não ligava, porque também não precisava trepar todo dia, né.

Você imagina um casal vivendo sem trepar?

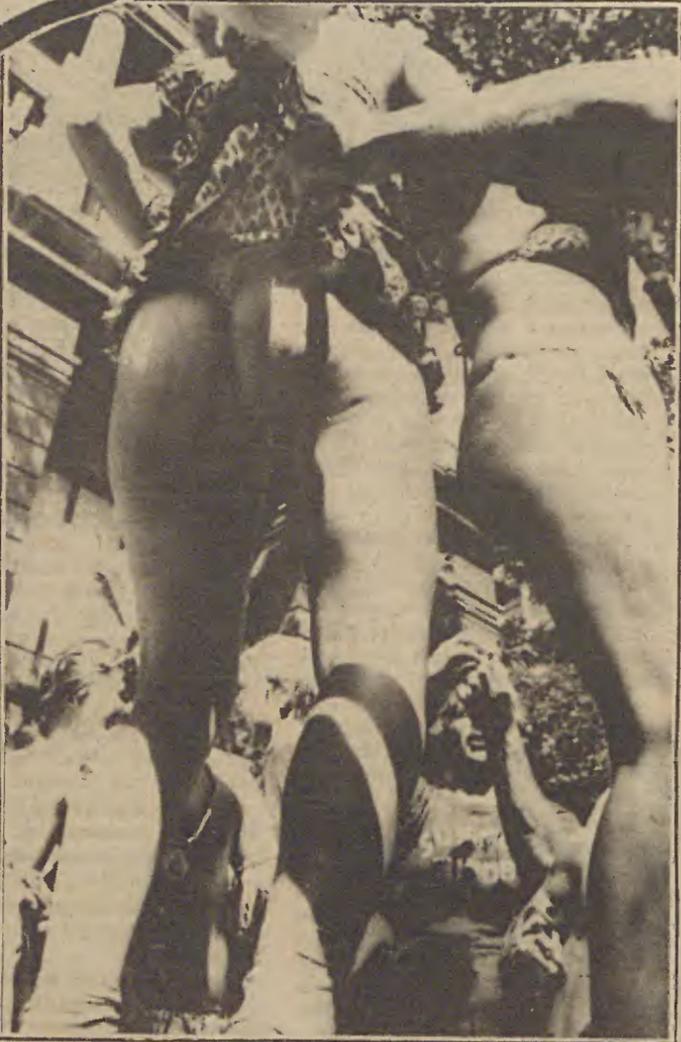
— Acho que o casamento segura, sim. Eu acho que se o cara gostar da mulher e a mulher do cara, dá pra manter o casal.



As melhores fotos do carnaval de 80

PRE-CARNAVALES DO

Flagrantes das ruas do Rio durante os três dias de loucura do ano passado são, como dizem os locutores de rádio, um bom aperitivo para a folia que se aproxima com força total.



Bato da Onça, o bloco famoso



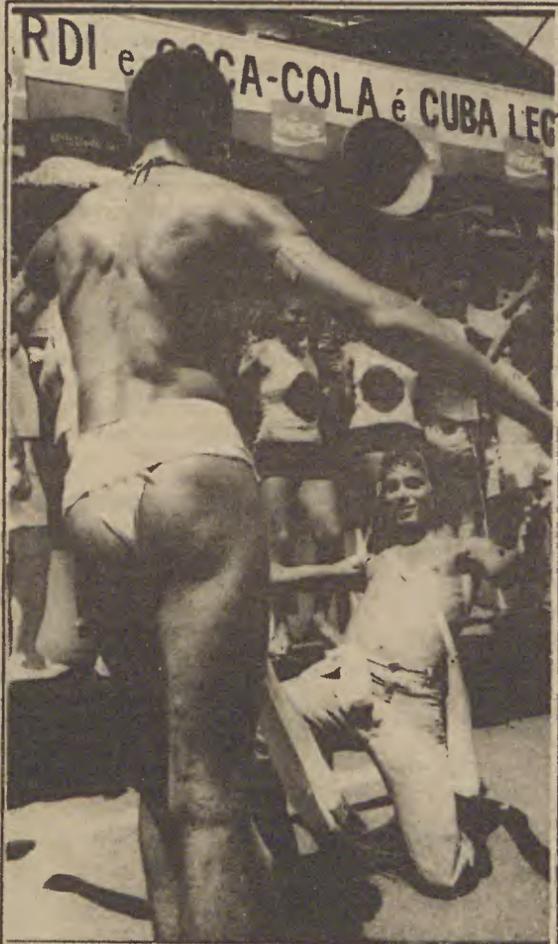
Rapazes se divertem na Cinelândia



Folião de mãe no centro



Dois travestis no Paulistinha



Um caubói e um travesti



A bunda é do Bola Preta, o ônibus é o Camarista-Méier



REPORTER

Fotos de Chiquito Chaves e Custódio Coimbra



Travestis no mais antigo baile de rua do Rio, o Paulistinha



Eles, com bunda de silicone, saudavam o público no Paulistinha



Quase nua no desfile das escolas



Só tem homem



Banda da Sá Ferreira pede passagem



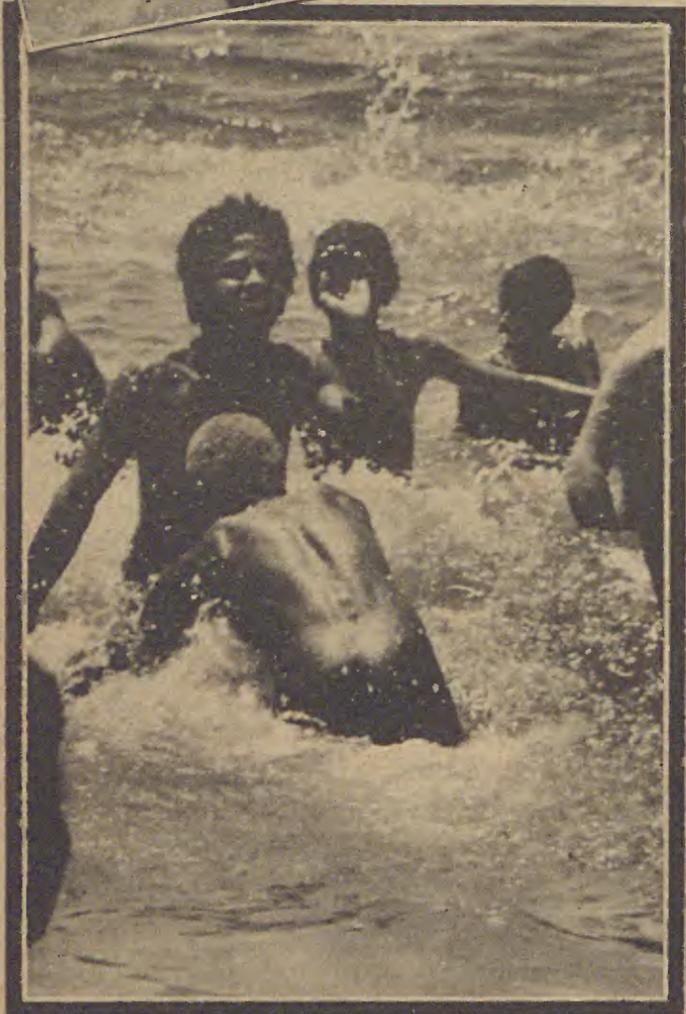
**Carnaval
81**

Ninguém se lembrou da fantasia no banho de mar da Riotur

FOLIA NA PRAIA



Muito samba e pouca roupa



Eles tiraram tudo mesmo



Blusa e bermuda era traje a rigor

No dia 25 de janeiro, a Riotur promoveu mais um banho de mar carnavalesco na praia do Flamengo. O traje exigido era uma fantasia, mas os foliões que obedeceram desistiram rapidinho, não só dos enfeites como de qualquer roupa. O calor estava demais.



O famoso mestre-sala Bicho Novo, da São Carlos, bem acompanhado



A saia caiu, ele gostou



Isso foi antes do mergulho

Fotos de Chiquito Chaves e Custódio Coimbra

REPORTER
GOSTOSO ATÉ DEBAIXO D'ÁGUA